



Cardeal Scherer, Dom Edilson de Souza Silva, padres que assessoram a Catequese e catequistas participam do encontro no Centro Pastoral São José, em 30 de maio

Dom Odilo Scherer destaca a missão dos catequistas para a transmissão da fé e a formação dos cristãos

Com a participação de mais de 200 catequistas das seis regiões episcopais, foi realizado no sábado, 30 de maio, no Centro Pastoral São José, a primeira formação para ministros da Catequese após a publicação do *Directório Arquidiocesano da Catequese*, em abril deste ano.

Durante o evento, o Cardeal Odilo Pedro

Scherer ressaltou que o *Directório* busca oferecer orientações e diretrizes para fortalecer a missão que já vem sendo realizada nas comunidades.

O Arcebispo também destacou o papel dos ministros da Catequese em um momento no qual a Igreja tem refletido sobre diferentes realidades e demandas pastorais, e buscado renova-

var métodos e fortalecer a ação evangelizadora. Apontou, ainda, que a Catequese desempenha papel fundamental na transmissão da fé e na formação dos cristãos, contribuindo para que a Igreja responda aos desafios atuais sem perder de vista sua missão evangelizadora.

Página 7

O SÃO PAULO apresenta pontos principais da *Magnifica humanitas*

Lançada pela Santa Sé em maio, a encíclica *Magnifica humanitas*, a primeira do Papa Leão XIV, tem repercutido em todo o mundo ao tratar da salvaguarda da pessoa humana na era da inteligência artificial. Em edição especial, o *Caderno Fé e Cidadania* apresenta os aspectos centrais do documento, no qual o Pontífice não se propõe a dar respostas aos desafios atuais decorrentes do maior uso da IA na sociedade, mas busca orientar os cristãos e as pessoas de boa vontade para adotarem uma postura justa e construtiva diante desta tecnologia que deve estar a serviço do ser humano e não subjuguá-lo, como recorrentemente se faz no atual paradigma tecnocrático, em que a cultura se organiza em torno do poder. Ao contrário, à luz dos princípios da Doutrina Social da Igreja, a meta permanente deve ser a construção da civilização do amor.



Reprodução

Encontro com o Pastor

Vale a pena ler e estudar o que o Concílio Vaticano II diz sobre a Sagrada Liturgia

Página 2

Editorial

O abandono da razão e o cultivo da mentira trazem consequências individuais e sociais

Página 4

Prorrogado até julho, espetáculo *Luminiscence* encanta diferentes públicos na Catedral da Sé

Página 9



**CARDEAL
ODILO PEDRO
SCHERER**

Arcebispo
metropolitano
de São Paulo

O que diz o Concílio sobre a Liturgia?

O Concílio afirma, antes de tudo, a importância da Liturgia na vida da Igreja e dos cristãos e, com esse documento, pretende “fomentar sempre mais a vida cristã entre os fiéis; adequar melhor às necessidades de nossa época as instituições suscetíveis de mudanças; favorecer tudo o que possa contribuir para a união dos que creem em Cristo e promover tudo o que conduz ao chamamento de todos ao seio da Igreja” (n.1). A ação litúrgica exprime de maneira excelente a natureza e a ação da própria Igreja. Ao mesmo tempo, ela é ação humana e obra da graça divina; visível, mas ornada de dons invisíveis, operosa na ação e devotada à contemplação, presente no mundo e, no entanto, peregrina; empenhada em sua missão neste mundo, mas contemplando a cidade futura que buscamos (cf. n.2).

A *Sacrosanctum Concilium* estabelece princípios gerais para a reforma e o crescimento da Liturgia na Igreja; trata da natureza e importância da Liturgia na vida e missão da Igreja e na vida espiritual dos fiéis. Fala da necessária pastoral litúrgica e da educação litúrgica do povo celebrante, bem como da ativa participação de todos. E estabelece normas gerais para a reforma da Liturgia, em que se submete a disciplina litúrgica à autoridade do Magistério da Igreja; da harmonização entre a tradição litúrgica e o legítimo progresso nas formas da Liturgia. E estabelece que seja assegurado o caráter

bíblico na reforma litúrgica.

O capítulo II trata especificamente do Sacrossanto Mistério da Eucaristia e o capítulo III trata dos demais Sacramentos e dos Sacramentais. Os Sacramentos destinam-se à santificação, à edificação da Igreja, Corpo de Cristo, e ao culto que deve ser prestado a Deus. Eles supõem a fé, mas também a alimentam, fortalecem e exprimem. Conferem a graça de Deus, mas também ajudam os fiéis a receberem mais frutuosamente a graça divina, a prestarem culto a Deus e a praticarem a caridade (cf. n.59). Por isso, é muito importante que os cristãos possam recebê-los conscientemente e compreendam com facilidade os sinais e simbolismos dos Sacramentos.

Nos capítulos sucessivos, a Constituição sobre a Sagrada Liturgia trata do Ofício Divino, mediante o qual Cristo Senhor, Sacerdote do Novo e Eterno Testamento, une a si a sua Igreja em uma prece incessante de adoração, louvor e ação de graças ao Pai celestial e intercede pela salvação de todo o mundo. Trata ainda do Ano Litúrgico, da música sacra, da arte sacra e das sagradas alfaias. Enfim, a constituição *Sacrosanctum Concilium*, do Concílio Vaticano II, sobre a Liturgia, tratando da ação litúrgica, tem o grande objetivo de ajudar os fiéis a celebrarem bem e a terem o melhor proveito na participação das celebrações e ações da Liturgia.

Essa “boa celebração” da Litur-

gia, buscada pela reforma litúrgica do Concílio, exprime-se no conceito de “participação”, que é fundamental no Documento. Em diversas passagens, trata-se da suma importância da participação do povo cristão nas ações litúrgicas da Igreja, como a celebração da Eucaristia e dos demais Sacramentos, bem como da oração em comum e do canto litúrgico. Nesses casos, significa não ficar distantes e ausentes, mas unir-se à Igreja nas suas ações litúrgicas. Mas o Concílio trata também da participação qualitativa nas celebrações e ações litúrgicas da Igreja, destacando que ela deve ser consciente, ativa, plena e frutuosa.

Para ser consciente, é preciso haver a compreensão daquilo que se celebra, mediante o estudo, a catequese e a pastoral litúrgica. Também por isso, o Concílio facultou o uso das línguas locais, para que o povo compreendesse o que está sendo celebrado. Para ser plena e ativa, a participação nas celebrações deve ser integral e não apenas parcial, nem de maneira distraída, com a mente ocupada com outras questões no momento da celebração. A participação ativa ainda requer que, na medida do possível, os fiéis unam-se com fé e devoção aos momentos e ações litúrgicas celebradas. A participação na Liturgia será frutuosa na medida em que houver abertura de coração e fé sincera na ação de Deus por meio das ações e mistérios litúrgicos celebrados.

Em suas catequeses nas audiências gerais das quartas-feiras, o Papa Leão XIV está tratando, atualmente, da Liturgia no Concílio Vaticano II, especialmente da Eucaristia. A celebração da Solenidade do Santíssimo Corpo e Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo (*Corpus Christi*) é ocasião para também nós voltarmos aos textos conciliares sobre a Liturgia. Isso é tanto mais oportuno e necessário quanto mais são difundidas ideias distorcidas sobre a Liturgia pós-conciliar. Vale a pena retomar o texto conciliar, ler e estudar o que o Concílio diz sobre a Sagrada Liturgia.

A constituição conciliar *Sacrosanctum Concilium*, sobre a Sagrada Liturgia, foi um dos primeiros textos aprovados pelos participantes do Concílio. A temática já havia sido trabalhada e amadurecida pelo vigoroso Movimento Litúrgico, de várias décadas, antes da convocação do Concílio. Assim, não foi tão difícil para que os participantes do Concílio chegassem aos consensos sobre o texto dessa Constituição, promulgada por São Paulo VI em 4 de dezembro de 1963.

SANTA CAROLINA
CHILE 1875

Nascida da inspiração e moldada pelo tempo, Carolina carrega um legado histórico. Reinventa tradições, cria novas experiências e desperta sensações únicas. É ousadia com alma. É o passado que pulsa no presente.

CAROLINA
RESERVA

Beba com moderação.

Dom Odilo Scherer preside missa pelos 125 anos da pastoral católica de língua alemã em São Paulo

REDAÇÃO
osaopaulo@uol.com.br

Em missa na Paróquia Pessoal Alemã São Bonifácio, na Vila Mariana, Região Sé, no domingo, 31 de maio, na Solenidade da Santíssima Trindade, foi celebrado o 125º aniversário da pastoral católica de língua alemã em São Paulo.

A missa solene foi presidida pelo Cardeal Odilo Pedro Scherer, Arcebispo de São Paulo, que na homilia destacou a importância da comunidade de língua alemã para a vida religiosa e cultural da cidade. Ele enfatizou, em particular, as décadas de dedicação de inúmeros padres, religiosos e voluntários que mantiveram a fé viva por gerações.

Concelebraram o Padre Georg Pettinger, Pároco; Dom Camilo de Jesus Dantas, OSB; e os Padres Manoel Conceição Quinta, SSP; Cristian Uptmoor, Vigário Paroquial da Paróquia Santo Antônio de Lisboa, na Região Belém; Rarden Luís Reis Pedrosa, Vigário Paroquial da Paróquia Nossa Senhora da Candelária, na Região Santana; e Luiz Carlos Ferreira Tose Filho, Secretário do Arcebispo.

A celebração foi ocasião para recordar os primórdios do cuidado pastoral em língua alemã na capital



Dom Odilo Scherer e concelebrantes da missa na Paróquia Pessoal Alemã São Bonifácio

paulista desde 1901, quando imigrantes alemães começaram a estabelecer estruturas eclesiais e a criar um lar espiritual longe de sua terra natal. Os beneditinos do Mosteiro de São Bento e, posteriormente, da Paróquia de São Bonifácio, desempenharam um papel particularmente formativo nesse processo.

A atual Igreja de São Bonifácio, lo-

calizada na Rua Humberto I, na Vila Mariana, foi projetada pelo renomado arquiteto Hans Broos e é considerada um exemplo da arquitetura sacra moderna no Brasil.

Como parte da celebração do aniversário, fotografias históricas, documentos e objetos comemorativos foram expostos, ilustrando a rica história dos católicos de língua alemã em

São Paulo. Numerosos visitantes aproveitaram a oportunidade para conversar com antigos paroquianos, padres e amigos da Paróquia.

Em discurso, o Conselho Paroquial expressou gratidão a todos que apoiaram e moldaram a vida paroquial ao longo destes 125 anos – vivos e falecidos. Agradecimentos especiais foram estendidos às famílias de origem alemã, à equipe pastoral de diversas gerações e aos muitos voluntários que frequentemente trabalharam nos bastidores. A celebração foi acompanhada de música sacra festiva e hinos em alemão. Após a missa, os convidados se reuniram para um almoço comunitário no centro paroquial.

Segundo o Padre Georg Pettinger, a celebração destes 125 anos não foi apenas para relembrar o passado, mas também para deixar um sinal futuro de que a pastoral católica de língua alemã em São Paulo continua a ser uma ponte entre culturas, gerações e línguas, enraizada na fé e aberta às mudanças.

Saiba mais sobre a história desta paróquia pessoal e da presença dos católicos alemães em São Paulo, nesta reportagem do O SÃO PAULO do ano de 2021: <https://curt.link/BrCqL>.

(Com informações do Padre Georg Pettinger)

MINISTÉRIOS DE LEITOR E ACÓLITO A SEMINARISTAS

Seminário Redemptoris Mater São Paulo Apóstolo



No domingo, 31 de maio, Solenidade da Santíssima Trindade, o Cardeal Odilo Pedro Scherer presidiu missa no Seminário Missionário Arquidiocesano Internacional *Redemptoris Mater São Paulo Apóstolo*, no bairro do Jaraguá, durante a qual conferiu o ministério do Leitorato ao seminarista Jonathan Luis Sánchez Chirinos, nascido na Venezuela, e o ministério do Acolitamento aos seminaristas brasileiros Dyego Luiz Mendes Gonçalves e Filipe de Sousa Araujo.

(Com informações do Padre Ignácio Torres)

20 ANOS DE EPISCOPADO DE DOM JOSÉ NEGRI

Diocese de Santo Amaro



Na tarde do sábado, 30 de maio, no Santuário Mãe de Deus, na Diocese de Santo Amaro, o Cardeal Odilo Pedro Scherer, Arcebispo de São Paulo, foi um dos concelebrantes da missa em ação de graças pelos 40 anos de sacerdócio e 20 anos de episcopado de Dom José Negri, PIME, Bispo de Santo Amaro.

(Com informações da Diocese de Santo Amaro)

Padre Pedro Paulo Funari defende tese doutoral em Teologia Espiritual

PADRE BRUNO MUTA VIVAS
ESPECIAL PARA O SÃO PAULO

O Padre Pedro Paulo Pereira Funari, sacerdote da Arquidiocese de São Paulo e Assistente de direção espiritual no Seminário de Filosofia Santo Cura d'Arce, defendeu a sua tese de doutorado em Teologia Espiritual na Pontifícia Universidade da Santa Cruz, em Roma, em 25 de maio.

O trabalho tem como título "A Direção Espiritual aos Cônjuges nas Cartas de São Francisco de Sales". Trata-se de uma pesquisa sobre a prática da direção espiritual realizada pelo santo Doutor da Igreja, a partir de seu epistolário. Tal pesquisa resultou, ainda, na tradução original de muitas das cartas do francês antigo para a língua portuguesa.

Padre Pedro buscou, nestas cartas escritas por São Francisco de Sales a seus



Padre Pedro Funari com o Cardeal Scherer

dirigidos espirituais, os fundamentos de uma direção espiritual que leve os cônjuges ao perfeito cumprimento da vontade de Deus em suas vidas.

O Sacerdote apresentou, assim, uma nova definição desta prática antiga de acompanhamento espiritual: "É a arte e a ciência prática, auxiliar à ação do Espírito Santo – o verdadeiro e próprio diretor das almas –, de conduzir progressivamente o cristão do início da vida espiritual até às alturas da perfeição cristã, isto é, até à plenitude da vida da graça e da perfeição da caridade – a santidade em senso estrito –; e que se realiza na Igreja, por meio de conselhos em conversas periódicas".

O trabalho de pesquisa oferece, ainda, um grande auxílio à vida prática dos fiéis, pois recolhe diversos "conselhos concretos, úteis e sempre vivificados pelo fim que se deve alcançar, que é o crescimento na graça", bem como mostra o "Matrimônio como um verdadeiro caminho de santificação", conforme explicou o Sacerdote em sua defesa de tese.

NOTA DE FALECIMENTO MADRE MARIA ANTÔNIA

Arquivo pessoal



Faleceu na sexta-feira, 29 de maio, aos 91 anos, no Mosteiro da Luz, em São Paulo, a Madre Maria Antônia de Santana Galvão, religiosa da Ordem da Imaculada Conceição, das monjas concepcionistas. Nascida na capital paulista em 2 de maio de 1935, ela ingressou na vida religiosa aos 16 anos, no Mosteiro da Luz. Três anos depois, foi para Piracicaba (SP), com outras cinco irmãs, para a fundação do Mosteiro das Concepcionistas. Em 2023, as irmãs voltaram para o Mosteiro da Luz, onde a religiosa foi velada e sepultada na tarde do sábado, 30, após a missa exequial.

(por Redação)

Editorial

‘Pessoas que gestam’: mais do que uma expressão, o abandono da razão

Na filosofia clássica, o diferencial que sempre foi considerado essencial para distinguir o ser humano dos animais é a razão. A capacidade de compreender tanto a substância quanto a forma das coisas para, por meio delas, alcançar o conhecimento era o que de mais humano alguém poderia realizar, pois se tratava justamente do exercício da característica que nos faz verdadeiramente singulares. Por esse motivo, a lógica sempre foi considerada a disciplina propedêutica de toda ciência, pois ordena a inteligência e garante a exatidão das conclusões. Ao longo dos séculos, a ênfase dada a essa arte favoreceu o surgimento dos mais brilhantes filósofos, cientistas e artistas, elevando a erudição e contribuindo para o desenvolvimento de toda a sociedade.

Hoje, no entanto, há uma guerra contra a razão. Dentro das universidades, ideologias como o relativismo e o desconstrucionismo, que negam a existência de uma verdade objetiva e, por consequência, a capacidade humana de conhecê-la, são cada vez mais populares e vis-

tas como válidas. Isso, por si só, já seria motivo de muita preocupação e ganha proporções ainda maiores quando chega à vida política. Recentemente, o Ministério da Saúde lançou uma nova versão da “Caderneta Brasileira da Gestante”, grafando ao longo do documento a expressão “pessoas que gestam” em vez de “gestantes”, como, racionalmente, deveria fazê-lo o órgão responsável pela saúde no Brasil. Após diferentes manifestações de repúdio da sociedade civil organizada e de parlamentares, o referido termo já não é mais encontrado na versão *on-line* da cartilha no portal do Ministério da Saúde e, até onde se saiba, não houve tempo hábil para a distribuição do material impresso com a referida expressão.

Mas o que teria levado o Ministério da Saúde a adotar “pessoas que gestam” em uma caderneta destinada a mulheres gestantes? Em teoria, trata-se de uma tentativa de acolher no escopo do acompanhamento da gravidez os homens transsexuais, ou seja, pessoas biologicamente do sexo feminino que se identificam como homens e que podem engravidar. Entretanto,

teoria e experiência demonstram que relativizar a defesa da verdade frequentemente significa prestar um serviço à mentira. Recorrer, portanto, a manobras retóricas para promover inclusão mediante o abandono da razão é justamente o cultivo da mentira, cujas consequências são graves tanto no plano individual quanto no social.

No nível individual, pode-se observar consequências tanto em quem mente quanto naquele que é enganado. Aquele que engana, por exemplo, para além de todos os corolários espirituais, sofre até mesmo consequências em sua psique. Já se sabe hoje que a estrutura neurológica se adapta àquilo que é praticado e, quando a renúncia à verdade é um ato recorrente, a própria mente se enfraquece e perde a capacidade de confiar em seus próprios julgamentos e intuições, pois sua bússola interna foi intencionalmente desregulada. Já na vítima da falsidade, muitas vezes se vê um crescimento em seu ressentimento, amargura e em sua incapacidade de cooperar com outras pessoas.

Os efeitos, porém, não se restringem

unicamente ao plano particular. Aleksandr Solzhenitsyn, pensador russo preso e escravizado pelo regime soviético, liga justamente as mentiras individuais às maiores tragédias humanas. Um Estado tirânico e totalitário, por exemplo, não surge do nada; ele é construído sobre bilhões de pequenas mentiras diárias de cidadãos comuns que decidiram se calar ou concordar com algo em que não acreditavam para evitar problemas. Assim, a mentira social começa na mentira individual.

Portanto, que nós tenhamos em nossa consciência que nunca vale relativizar a verdade em função de um valor de menos importância. Como disse o Papa Bento XVI, “a caridade na verdade é a força propulsora principal para o verdadeiro desenvolvimento de cada pessoa e da humanidade inteira”. Que nós, como indivíduos e sociedade, esforcemo-nos sempre para promovê-la por meio de uma ciência bem feita, do exercício da humildade e do amor à sabedoria. Somente assim teremos a firmeza necessária para defender a razão mesmo nos momentos de desconforto e dificuldade.

Opinião

Magnífica humanidade: p

LUIZ ANTONIO ARAUJO PIERRE

Magnífica humanidade (*Magnifica humanitas*), a primeira encíclica do Papa Leão XIV, traz uma mensagem de esperança e propõe o crescimento humano até a plenitude, fundamentado em Jesus Cristo para a construção de um mundo mais justo e comprometido com o desenvolvimento integral da pessoa. “Sobre a salvaguarda da pessoa humana na era da inteligência artificial”: este é o alerta central do documento. A IA, embora ofereça benefícios inegáveis, deve ser orientada para o bem comum. Mais do que utilizar a tecnologia, é fundamental “permanecer humanos”, não dominados por ela.

Se a *Rerum Novarum* abordou as “coisas novas” decorrentes da industrialização, a *Magnífica humanidade* focaliza as grandes inovações contemporâneas: a inteligência artificial e a robótica, com suas ambiguidades, capazes de melhorar as condições de vida, mas também de ampliar desigualdades. Diante dessa realidade, a encíclica questiona: para onde vamos? Em relação a que objetivo desejamos nos orientar? Qual direção devemos escolher como povo e como comunidade humana?

Para responder a estas questões, Leão XIV recorre a duas passagens bíblicas. A primeira é a da torre de Babel



Arte: Sergio Ricciuto Conte

(cf. Gn 11,1-9), símbolo do fracasso do orgulho humano ao tentar alcançar o céu com os próprios meios, resultando em confusão e dispersão. Em contraposição, o Papa apresenta Neemias que, após o exílio na Babilônia, lidera a reconstrução de Jerusalém de forma compartilhada e participativa. Com Deus no centro da vida coletiva, não se restauram apenas as muralhas, mas também as relações humanas.

A encíclica se estrutura em cinco ca-

pítulos. Em síntese, mostra uma Igreja que caminha na história, dialogando com as ciências humanas e reafirmando a dignidade da pessoa humana, o bem comum, a destinação universal dos bens e a subsidiariedade, com a responsabilidade dos Estados de assegurar regras justas e efetivas para garantir emprego, acesso a serviços, gestão de dados e ambientes digitais.

Também alerta para o crescimento do poder político e econômico dos

detentores da tecnologia, exigindo responsabilidade, prudência e transparência no uso da IA. Em favor de uma justiça social, torna-se necessária uma utilização ética e partilhada dos benefícios gerados pelos dados coletados, pois somente o ser humano possui um coração capaz de compaixão e cuidado com as necessidades dos outros. Também destaca a importância da educação, da proteção ao emprego e do compromisso com a verdade diante da manipulação da informação e da exploração de dados. Propõe que desarmemo-nos das palavras e dos preconceitos, para construir a paz por meio da justiça social.

“Para construir a civilização do amor, devemos nos engajar no diálogo, pois este é o principal meio de convivência entre pessoas e nações, e é a alternativa para o conflito aberto. Às vésperas da Segunda Guerra Mundial, o Papa Pio XII afirmou que nada se perde com a paz, enquanto com a guerra tudo pode ser perdido. Ele insistia que as pessoas devem voltar a falar umas com as outras, porque um diálogo sincero e perseverante sempre abre a possibilidade de uma solução honrosa” (MH 219).

Luiz Antonio Araujo Pierre, membro do Movimento dos Foclares, é professor, advogado e sociólogo.

Comportamento

O excesso de diagnósticos e medicalização na infância e adolescência

SIMONE RIBEIRO CABRAL FUZARO

Mesmo os mais desavisados já perceberam o crescente número de diagnósticos que estão sendo feitos nas mais diferentes etapas da infância e adolescência.

“Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), uma em cada sete crianças e adolescentes entre 10 e 19 anos no mundo apresenta algum transtorno mental. No Brasil, o quadro é ainda mais alarmante. Dados do Ministério da Saúde (2022) indicam um aumento de 34% nas prescrições de metilfenidato – princípio ativo da Ritalina, entre 6 e 17 anos, nos últimos cinco anos [de 2017 a 2022].” (*O Estado de S. Paulo*, 08/09/2025).

As escolas estão lotadas de crianças com diagnósticos em suas salas de aula e, certamente, não estão preparadas para o manejo dessa situação. Professores se sobrecarregam, adoecem, não conseguem lidar de modo adequado com as diferentes demandas de inclusão e ficam perdidos em relação ao trabalho a ser desenvolvido. Há um deslocamento da função pedagógica para funções clínicas às quais eles não estão preparados e quase não recebem apoio técnico que os capacite para o enfrentamento dessa realidade.

Para além de tudo isso, é urgente que se reflita sobre a causa desse au-

mento considerável no número de diagnósticos. É verdade que a crescente conscientização sobre os transtornos no neurodesenvolvimento e o maior acesso a profissionais que realizam diagnósticos podem ser fatores que contribuam para esse crescimento percentual. No entanto, não se pode negar uma tendência à patologização da infância.

Muitos comportamentos naturais em crianças, que precisam simplesmente de um manejo adulto adequado para que possam ser progressivamente superados, acabam se tornando sinais de “transtorno”, na medida em que os adultos estão incapacitados a educar bem suas crianças.

Crianças são ativas, exploradoras e agitadas, e isso é natural. No entanto, parece que as expectativas dos adultos, seja na família, seja nas escolas, estão desalinhadas com a realidade infantil. Estes, em vez de se dedicarem a compreender os comportamentos infantis e lapidá-los, encaminham para o diagnóstico e, quase sempre, medicamentos. É preciso que nos conscientizemos de que nem todo sofrimento ou dificuldade na infância é transtorno e, muito menos, passível de medicação.

Aliás, mesmo nos verdadeiros quadros de transtorno, nem sempre a medicação é o recurso mais adequado. Sempre se faz necessária, sim, uma intervenção de orientação dos pais e adequação do ambiente para

que os sintomas sejam minimizados e a criança possa se desenvolver bem.

Em 2022 foi realizado, no *campus* de Ribeirão Preto da USP, um estudo em que foram avaliadas 43 crianças com diagnóstico médico de TDAH e destas apenas três preencheram os critérios diagnósticos quando foram submetidas a escalas específicas de avaliação. Além da banalização do diagnóstico, o mais preocupante, segundo a pesquisadora responsável, a doutora Alícia Coraspe, é o uso generalizado de metilfenidato, um dos principais medicamentos usados no tratamento desse transtorno. A grande maioria das crianças submetidas ao uso do medicamento não apresentava melhora significativa nos comportamentos difíceis apontados pela família e pela escola. Isso mostra, portanto, que se torna urgente abordagens de natureza comportamental e psicossocial e que a medicalização não deve ser a primeira, muito menos a única estratégia para o tratamento.

É urgente que as famílias se conscientizem de seu papel estruturante na vida da criança. Antes de diagnosticar e de medicá-la, vamos educar, formar, orientar. Deve-se proporcionar um ambiente melhor para o desenvolvimento da criança e, somente depois disso, pensar na possibilidade de que ela tenha algum transtorno.

Simone Ribeiro Cabral Fuzaro é fonoaudióloga e educadora. Mantém o site www.simonefuzaro.com.br. Instagram: @sifuzaro

Você Pergunta

Há problema se um católico namorar uma evangélica?

PADRE CIDO PEREIRA
osaopaulo@uol.com.br

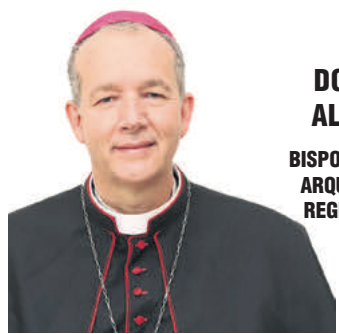
A dúvida é do jovem Wallace, que mora em Itaperuna (RJ) e está namorando uma moça evangélica presbiteriana. Ele conta que essa diferença religiosa tem “pesado muito no relacionamento”, mesmo sem terem brigado ainda por isso, mas que parecem seguir “caminhos paralelos que nunca vão se encontrar”. Ele assegura, porém, que a relação é “muito boa e respeitosa, marcada por uma grande amizade”.

Wallace, Wallace... A primeira coisa a dizer a você é que é possível, sim, duas pessoas que creem, rezam e servem a Deus de modos diferentes se amarem. E quando a gente fala em amar, isso significa também respeito, porque a falta de respeito é o que leva ao fim de um relacionamento: estaria errada a sua namorada se não respeitasse a sua opção de fé; estaria errado você se não respeitasse a opção de fé que ela tem. Agora, a verdade é que se vocês acham difícil se amarem por causa da opção religiosa de cada um, então é melhor fazer o sacrifício de se separarem.

Na verdade, meu irmão, eu tenho medo de que você ceda às pressões da sua namorada e se bandeie para a igreja dela, assim como temo que você a force a vir para a nossa opção de fé. Então, sejam maduros e conversem a respeito, pois a questão é séria. Por exemplo: você só poderá casar-se na Igreja Católica com o compromisso de educar seus filhos na fé católica. Assim, sua atual namorada só poderá se casar em nossa Igreja aceitando essa exigência. Se ela disser não, o casamento não se realiza. Diante disso, é preciso que você também entenda a futura posição dela como mãe: será que ela vai querer passar a nossa experiência de fé para os filhos que terão um dia? Olha que problema sério a enfrentar! Mas a decisão é de vocês e deverá ser tomada em plena consciência. O amor, porém, há de encontrar caminhos. Rezem juntos para isso, pois é preciso muita maturidade para manter um relacionamento assim.

Espiritualidade

A centralidade da Eucaristia na vida da Igreja



DOM CELSO ALEXANDRE
BISPO AUXILIAR DA ARQUIDIOCESE NA REGIÃO IPIRANGA

A Eucaristia é o centro da vida da Igreja. É o Memorial da Paixão e Morte do Senhor. As palavras da instituição o dizem claramente: “Isto é meu Corpo, dado por vós” e “Este é o cálice do meu sangue... derramado por vós” (...). “Fazei isto em memória de mim” (cf. Mt 26,26-29; Mc 14,22-24; Lc 22,19-20; 1Cor 11,23-25).

Jesus instituiu a Eucaristia, entregando à Igreja a responsabilidade de celebrá-la em memória de sua Paixão, Morte e Ressurreição, até que Ele venha. A Eucaristia, celebrada em nossas comunidades todos os dias, torna presente para nós a ação redentora de Cristo pela qual Ele nos envolve sem-

pre de novo, e cada vez mais intensamente, no amor do Pai, para o louvor de Sua glória e salvação de toda a humanidade. A Eucaristia atualiza para nós o sacrifício redentor de Jesus, não como sofrimento, mas como oferecimento, ou seja: o ato de amor com que Jesus assumiu seu morrer, está presente em cada celebração eucarística de que participamos.

Por sua natureza, a Eucaristia é Ceia e Cruz, Mesa e Altar. O *Catecismo da Igreja Católica* recorda-nos, quando diz: “A Missa é, ao mesmo tempo e inseparavelmente, o memorial sacrificial em que se perpetuam o sacrifício da Cruz e o banquete sagrado da Comunhão, no Corpo e Sangue do Senhor” (CIC 1382). A Eucaristia é o que de mais precioso a Igreja pode ter no seu caminho como peregrina no tempo e na história. Ela é o manancial de todas as graças concedidas por Deus porque nela “está contido todo o bem espiritual da Igreja, isto é, o próprio Cristo, nossa Páscoa”.

Eis o *Mysterium fidei*, que a comunidade eclesial é chamada a viver

cada vez mais consciente de que ele é o maior tesouro da Igreja, porque nele possui tudo: o sacrifício redentor de Cristo, a sua Ressurreição, o dom do Espírito; porque nele, sob a forma das humildes espécies eucarísticas, é o próprio Cristo que caminha com a sua Esposa, a Igreja, ainda peregrina sobre a terra, iluminando-a e tornando-a testemunha de esperança inabalável para os seus filhos e para o mundo inteiro; porque ele é o penhor da meta à qual humanidade aspira, mesmo de maneira inconsciente (cf. *Ecclesia de Eucharistia*, 59 e 62).

A festa de *Corpus Christi* nos faz recordar aquela Quinta-feira Santa em que Jesus, na noite em que foi entregue, tomou o pão e deu graças, deu a seus discípulos; e fez o mesmo com o cálice com o vinho e disse: “Isto é meu corpo... este é o cálice do meu sangue”. A Eucaristia significa o ato de doação, de entrega que o Filho de Deus, feito homem, faz de Sua vida. O Seu Corpo é entregue como alimento, o Seu Sangue é derramado por todos. Na festa de *Corpus Christi*, a Igreja tem mais uma

oportunidade de agradecer a Jesus por Ele ser o Redentor, o que resgata a nossa vida do pecado e da morte. Ação de graças: esse é o nome da Eucaristia.

“Na Eucaristia, contemplamos e adoramos o Deus do amor. É o Senhor que não divide ninguém, mas divide- -Se a Si mesmo. É o Senhor que não exige sacrifícios, mas sacrifica- -Se a Si mesmo. É o Senhor que não pede nada, mas dá tudo. Para celebrar e viver a Eucaristia, também nós somos chamados a viver este amor. Porque não podes partir o Pão do domingo, se o teu coração estiver fechado aos irmãos. Não podes comer este Pão, se não deres o pão aos famintos. Não podes partilhar deste Pão, se não partilhas os sofrimentos de quem passa necessidade. No fim de tudo, inclusive das nossas solenes liturgias eucarísticas, restará apenas o amor. E, já desde agora, as nossas Eucaristias transformam o mundo, na medida em que nós mesmos nos deixamos transformar, tornando-nos pão partido para os outros” (Papa Francisco. Homilia da Solenidade do Corpo e Sangue de Cristo, 6 de junho de 2021).

Novo site dá mais visibilidade às ações do Vicariato Episcopal para a Pastoral da Saúde e dos Enfermos

UMA DAS FUNCIONALIDADES PERMITE LOCALIZAR AS PARÓQUIAS QUE ATENDEM PASTORALMENTE MAIS DE 100 UNIDADES HOSPITALARES NA CIDADE DE SÃO PAULO

DANIEL GOMES
osaopaulo@uol.com.br

Para promover a ação missionária e pastoral da Igreja nos âmbitos da saúde e do cuidado aos enfermos, a Arquidiocese de São Paulo criou, em dezembro de 2023, um vicariato episcopal específico, que agora pode ser mais bem conhecido por meio do *site* <https://vicariatosaude-enfermos.org>.

O *site* está em funcionamento desde 8 de maio, trazendo o histórico, a organização e os objetivos do Vicariato Episcopal para a Pastoral da Saúde e dos Enfermos, notícias sobre a ação da Igreja nas questões de saúde nos âmbitos global, nacional e arquidiocesano, documentos que balizam a assistência religiosa aos enfermos, além de reproduções dos artigos semanais do Cardeal Odilo Pedro Scherer, Arcebispo Metropolitano, no jornal **O SÃO PAULO**, e das catequese e do *Angelus* do Papa Leão XIV.

“No menu do *site*, há farto material de formação e informação que é utilíssimo. Por exemplo, as mensagens dos Papas, desde São João Paulo II, para o Dia Mundial do Enfermo; documentos da Igreja; um opúsculo denominado ‘Assistência Espiritual e Pastoral do Vicariato Episcopal para a Pastoral da Saúde e dos Enfermos’; informações sobre onde ser atendido em caso de picada por algum animal peçonhento; diretrizes da Arquidiocese de São Paulo para a assistência espiritual e religiosa nas unidades de saúde”, detalha Marcos Antonio Fiorito, *designer* da Gallipoli Studio, desenvolvedor do *site*.

RELAÇÃO PARÓQUIAS-HOSPITAIS

Viabilizado com o apoio da Paróquia Santa Generosa, na Região Sé, o *site* tem a funcionalidade “Hospitais e respectivas paróquias”, que permite localizar a paróquia que é responsável pelo atendimento religioso em uma unidade hospitalar específica.

Estão mapeadas mais de 100 unidades hospitalares, públicas, privadas e filantrópicas, nas seis regiões episcopais da Arquidiocese de São Paulo: Sé (45 unidades), Belém (25), Ipiranga (15), Santana (15), Brasilândia (7) e Lapa (6).

“Ao acessar este item do menu, os agentes pastorais e demais interessados encontrarão os hospitais listados em ordem alfabética por região episcopal, e facilmente localizarão a paróquia ou a capelania que oferece atendimento religioso em um determinado hospital. Também é possível encontrar um hospital utilizando a ferramenta de busca do *site*”, detalha Fiorito.

Na avaliação do Cônego João Inácio Mildner, Vigário Episcopal para a Pastoral da Saúde e dos Enfermos, esta funcionalidade é um grande facilitador para o processo de assistência religiosa aos doentes: “Sempre colocamos como



referência a paróquia mais próxima do serviço de saúde. Quando a pessoa acessa o *site* e busca pelo nome do hospital ou da paróquia, será levada a uma página com o mapa da localização da paróquia mais próxima do hospital e com o número do telefone e o endereço completo da paróquia”.

Cônego João Mildner enfatiza que essa funcionalidade será de grande valia também para os padres: “Muitas vezes, um paroquiano está internado ‘do outro lado da cidade’ e haveria grande dificuldade de deslocamento do pároco até o hospital. Assim, se este padre entra no *site* e sabe qual é a paróquia que atende este hospital, poderá pedir ao colega dessa paróquia que assista a pessoa enferma”.

O Vigário Episcopal ressalta, porém, que essa funcionalidade não é um impeditivo para que o enfermo ou sua família chame um sacerdote que já conheça para a assistência religiosa, como comumente ocorre, por exemplo, para o sacramento da Unção dos Enfermos. “Se o padre puder ir ao hospital atender seu paroquiano, ótimo. Se não puder, ele consulta nosso *site* para saber em qual paróquia poderá pedir para que outro sacerdote faça a assistência religiosa; afinal é missão do pároco que tenha um hospital na área de sua paróquia atender pastoralmente os doentes que lá estejam”, enfatiza.

O DIREITO À ASSISTÊNCIA RELIGIOSA

A assistência religiosa aos enfermos não é apenas uma questão de fé; também é uma garantia legal.

A Constituição federal, em seu artigo 5º, inciso VII, assegura a prestação de assistência religiosa nas entidades

civis e militares de internação coletiva. Igualmente, o artigo 1º da lei federal 9.982/2000 garante aos religiosos de todas as confissões “o acesso aos hospitais da rede pública ou privada, bem como aos estabelecimentos prisionais civis ou militares, para dar atendimento religioso aos internados, desde que em comum acordo com estes, ou com seus familiares, no caso de doentes que já não mais estejam no gozo de suas faculdades mentais”. A assistência espiritual aos fiéis em estabelecimentos de saúde também está prevista no artigo 8º do Acordo Brasil-Santa Sé.

No estado de São Paulo, esse direito está previsto na lei estadual 10.066/1998, e sistematizado por meio de resoluções da Secretaria de Estado da Saúde. Cônego João Mildner afirma que se, eventualmente, um sacerdote for impedido de ingressar em uma unidade hospitalar para prestar assistência religiosa, poderá denunciar o ocorrido à Ouvidoria da Secretaria de Estado da Saúde, por meio do *site* <https://ouvidoria.saude.sp.gov.br>.

“Diante da denúncia, a Ouvidoria acionará o hospital para verificar o que aconteceu e por que não se assegurou a liberdade de entrada para a realização da assistência religiosa. Todo ministro religioso tem direito de acesso livre ao paciente internado. Evidentemente, podem acontecer situações específicas. Por exemplo: o padre chega ao hospital e o paciente está passando por algum procedimento. Neste caso, o sacerdote precisará esperar um pouco. Durante o dia, geralmente o acesso do ministro religioso é liberado. À noite, recomendamos a ida ao hospital somente mediante casos graves, que

não podem esperar um desfecho para outro dia”, explica.

Cônego João Mildner lembra que no caso dos leigos que são agentes pastorais, o ingresso às unidades hospitalares depende de credenciamento prévio, respeitando trâmites próprios. “Temos trabalhado para que haja uma pastoral hospitalar cada vez mais organizada, a fim de que, com a anuência dos hospitais, os leigos da Pastoral tenham acesso aos doentes”.

O SÃO PAULO

www.osaopaulo.org.br

Diariamente, no *site* do jornal **O SÃO PAULO**, você pode acessar notícias sobre a Igreja e a sociedade em São Paulo, no Brasil e no mundo. A seguir, algumas notícias e artigos publicados recentemente.

Leão XIV: que o esporte seja escola de fraternidade e instrumento de paz
<https://curt.link/ybaOP>

Pastoral amplia mobilização pelo Junho Violeta, mês dedicado ao enfrentamento da violência contra a pessoa idosa
<https://curt.link/ITSnf>

CNBB motiva comunhão e divulgação da causa de beatificação do venerável Diácono João Luiz P...
<https://curt.link/LtybV>

Pela paz, pela família e pela santificação de vida
Rosário
<https://curt.link/BaWdX>

Dom Odilo tem 1º encontro com catequistas após a publicação do *Diretório Arquidiocesano da Catequese*

JENNIFFER SILVA
ESPECIAL PARA O SÃO PAULO

A Arquidiocese de São Paulo reuniu mais de 200 catequistas de todas as regiões episcopais para a primeira formação dos ministros da Catequese, realizada na manhã do sábado, 30 de maio, no Centro Pastoral São José, na Região Belém.

O Padre Paulo César Gil, Assistente Eclesiástico do Grupo de Animação Bíblico-Catequética da Arquidiocese, afirmou ao **O SÃO PAULO** que a iniciativa é parte do projeto de formação permanente dos ministros da Catequese da Igreja em São Paulo.

“É muito importante que o ministro da Catequese cultive uma vida de oração, espiritualidade e compromisso com a comunidade. Também é fundamental que participe, sempre que possível, das formações oferecidas pela Arquidiocese, pois elas contribuem para sua atualização e ajudam a manter viva a motivação para o exercício do ministério”, destacou Padre Paulo, informando, ainda, que mais um grupo de catequistas já concluiu a formação na Escola Bíblico-Catequética São José de Anchieta e, em breve, receberá o ministério da Catequese.

DIRETRIZES PARA A MISSÃO

Durante o encontro, Dom Edilson de Souza Silva, Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Lapa e Referencial arquidiocesano para a Animação Bíblico-Catequética, detalhou que o *Diretório Arquidiocesano da Catequese*, publicado em abril deste ano, reúne normas, orientações e diretrizes pastorais que visam a fortalecer, orientar e unificar a ação catequética na Arquidiocese. Também recordou que o documento apresenta orientações objetivas para que a iniciação à vida cristã ocorra em comunhão com a realidade paroquial em que os catequistas estão inseridos.

O Cardeal Odilo Pedro Scherer conduziu a primeira reflexão da manhã formativa. O Arcebispo Metropolitano afirmou que o *Diretório Arquidiocesano da Catequese* não inaugura um novo caminho, mas busca oferecer orientações e diretrizes para fortalecer uma missão que já vem sendo realizada nas comunidades.

“Este *Diretório* é fruto de um longo processo de construção. Estamos muito felizes com a sua publicação, porque oferece orientações claras para toda a ação catequética da Arquidiocese. Este documento serve justamente para indicar caminhos e mostrar como devemos caminhar. Ele apresenta os objetivos da Igreja para a Catequese em São Paulo e orienta o trabalho desenvolvido em nossas comunidades”, explicou o Arcebispo.

Dom Odilo frisou ainda que “o ministério da Ca-



Luciney Martins/O SÃO PAULO

Em manhã formativa, Dom Odilo fala do *Diretório Arquidiocesano da Catequese* e da missão evangelizadora dos catequistas

tequese é um serviço”. Também comentou que o encontro do último sábado foi muito aguardado, como uma oportunidade de formação e de fortalecimento do compromisso dos catequistas de caminhar e exercer a própria missão em comunhão com a Igreja.

A CATEQUESE E A NOVA EVANGELIZAÇÃO

O Arcebispo também compartilhou algumas das reflexões debatidas durante a Assembleia do Dicastério para a Evangelização, realizada no fim de maio, em Roma, da qual ele participou (leia mais na página 16).

Segundo o Cardeal Scherer, a Igreja em todo o mundo tem sido impactada pelas mudanças no comportamento dos fiéis. Entre os fenômenos observados estão o aumento expressivo do número de adultos que têm procurado o sacramento do Batismo. Essa realidade, conforme sublinhou, exige que a Catequese esteja cada vez mais preparada para promover uma autêntica iniciação à vida cristã.

O Cardeal também destacou o papel dos ministros da Catequese em um momento no qual a Igreja tem refletido sobre diferentes realidades e demandas pastorais, e se atentado à necessidade de renovar métodos e fortalecer a ação evangelizadora. Dom Odilo apontou que a Catequese desempenha um papel fundamental na transmissão da fé e na formação dos cristãos, contribuindo para que a Igreja responda aos desafios do presente sem perder de vista sua missão evangelizadora.

A ESPIRITUALIDADE DO CATEQUISTA

A manhã de formação teve ainda uma palestra sobre o serviço vocacional do catequista, conduzida pelo Padre Luís Fernando da Silva, Secretário-executivo do Regional Sul 1 da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB).

O Secretário-executivo afirmou que a vocação do catequista não se dá exclusivamente por um desejo pessoal, mas por um chamado de Deus, guiado pela ação do Espírito Santo. Por isso, não pode se limitar a um entusiasmo isolado, mas deve se concretizar em comunhão com a Igreja.

Ainda segundo o Padre Luís Fernando, o catequista não deve estar preocupado apenas com a transmissão de conteúdos programáticos, mas, sobretudo, em proporcionar uma experiência de encontro com Jesus Cristo. “Ao final do processo, o catequizando deve estar apaixonado por Jesus e disposto a viver em comunidade”, afirmou.

Fazendo memória das palavras do Papa Leão XIV durante o Jubileu dos Catequistas de 2025, o Sacerdote enfatizou que o catequista é, antes de tudo, uma testemunha da fé, um ministro que ensina sobre a Igreja por meio da própria vida: “Além de mestre, é alguém que anuncia o Evangelho, atua na pastoral e prepara os fiéis para a recepção dos sacramentos”.

“O ministério do catequista é um serviço nascido da Páscoa. A Catequese começa com Cristo vivo e com o coração vivo. Por isso, não podemos reduzir o catequista a um simples instrutor. A missão catequética exige oração, estudo e participação ativa na comunidade. O catequista deve deixar-se transformar pela realidade que encontra”, concluiu Padre Luís Fernando.

Claudete Amélia, 69, catequista na Paróquia São Felipe Néri, na Região Belém, esteve entre as participantes da manhã formativa. Atualmente, ela evangeliza 35 crianças em uma turma de Catequese, e ressaltou que o ministério catequético é uma prioridade em sua vida. Catequista há 20 anos, Claudete assegurou que, acima de qualquer dificuldade, o mais importante é acolher os catequizandos e conduzi-los ao encontro com Jesus.



ASSUNÇÃO
CENTRO
UNIVERSITÁRIO

Transforme o seu futuro no ASSUNÇÃO! Escolha estudar em um Centro Universitário com nota MÁXIMA no MEC, tradição em ensino de qualidade e compromisso com a sua formação. Aqui, você conquista sua **Graduação com 50% de desconto*** e tem acesso a cursos de **Pós-Graduação com condições e descontos especiais e oportunidades únicas para crescer profissionalmente.**

*Desconto exclusivo para ingressantes via Projeto "Vamos Sonhar Juntos"



WhatsApp

INSCREVA-SE JÁ!

Aulas das 19h às 21h50,
on-line ao vivo às sextas

Rua Afonso Celso, 711 (Metrô Santa Cruz) - Vila Mariana
www.unifai.edu.br

(11) 5087-0187

Vicariato da Caridade Social realiza seminário sobre parcerias do Poder Público com organizações sociais

MATHEUS MACIEL
COLABORAÇÃO ESPECIAL PARA
O VICARIATO DA CARIDADE SOCIAL

Entre 28 e 30 de maio, no Centro Universitário Assunção, aconteceu o seminário "Parcerias de colaboração entre o Poder Público e as Organizações da Sociedade Civil", reunindo 150 participantes, entre representantes de tais organizações, gestores públicos, pesquisadores, lideranças religiosas e especialistas do terceiro setor.

O evento, organizado pelo Vicariato Episcopal da Caridade Social da Arquidiocese de São Paulo, em parceria com o Instituto Redes para o Desenvolvimento, Instituto Claret e Centro Universitário Assunção, teve como objetivo refletir sobre os desafios e caminhos para o fortalecimento das parcerias regidas pela Lei nº 13.019/2014, o Marco Regulatório das Organizações da Sociedade Civil (MROSC).

Conferências, mesas de debates e oficinas práticas trataram sobre governança institucional, prestação de contas, sustentabilidade das organizações, controle social, transparência, gestão de parcerias e fortalecimento institucional das OSCs.

Aldaíza de Oliveira Sposati, professora titular sênior da PUC-SP e uma das articuladoras da construção do Sistema Único de Assistência Social (Suas) falou sobre o papel das organizações da sociedade civil na garantia de direitos e no enfrentamento das desigualdades sociais.



Participantes do seminário realizado de 28 a 30 de maio no Centro Universitário Assunção

Também participou do seminário o professor José Antonio de França, doutor em Ciências Contábeis pela Universidade de Brasília (UnB) e referência nas áreas de auditoria, contabilidade do terceiro setor e análise de desempenho institucional.

O sociólogo Domingos Armani, consultor com mais de 25 anos de atuação no desenvolvimento institucional de organizações da sociedade civil, refletiu sobre governança, sustentabilidade e fortalecimento das instituições, ressaltando que organizações fortes dependem tanto de estruturas consistentes quanto do cuidado com as pessoas e processos internos.

As oficinas realizadas no seminário foram espaços de diálogo entre as OSCs e os representantes do poder público, fortalecendo a construção de redes e a troca de experiências práticas sobre os desafios enfrentados na execução das parcerias.

REPERCUSSÕES

Para o Cônego Marcelo Monge, Vigário Episcopal da Caridade Social, a articulação entre instituições foi um dos principais resultados do seminário.

"Articulação é uma das missões do Vicariato Episcopal da Caridade Social. Promover este seminário articulado com outras organizações é prova de que o Vicariato está cumprindo uma de suas tarefas: pensar governança, sustentabilidade e as parcerias das organizações com o poder público", comentou o Cônego, apontando, ainda, que, ao longo do evento, as pessoas puderam formar redes e conversar frente a frente com o poder público.

A avaliação positiva do encontro também foi compartilhada por Aguinaldo Lima, do Instituto Redes para o Desenvolvimento e integrante da comissão organizadora. "Foram três dias de intenso

debate, com grandes conferências que levaram a pensar e repensar práticas, apontando desafios futuros e caminhos possíveis. Tivemos forte participação das organizações da sociedade civil, debates sobre a realidade concreta e oficinas práticas voltadas à formação e ao cotidiano das entidades", sintetizou.

Marilda dos Santos Lima, da Pastoral do Menor Nacional, destacou o caráter histórico do encontro: "Reunimos instituições, organizações e parceiros para pensar governança e parcerias a serviço de uma sociedade melhor. Foi um momento muito importante para fortalecer o compromisso com crianças, adolescentes, idosos e toda a população que enfrenta as desigualdades sociais em nossa cidade".

Entre os aspectos debatidos esteve a necessidade de maior qualificação técnica e institucional das entidades para atuação nas parcerias públicas previstas no MROSC; e a importância da transparência administrativa, planejamento, governança, controle interno, organização documental, sustentabilidade financeira e formação das equipes para ampliar a efetividade das parcerias e fortalecer a confiança entre sociedade civil e poder público.

Ao final, os organizadores reafirmaram o compromisso de dar continuidade às ações formativas, à sistematização dos conteúdos apresentados e à ampliação dos espaços de articulação entre as OSCs, universidades, Igreja e poder público.

Atos da Cúria

NOMEAÇÃO E PROVISÃO DE PÁROCO

Em 14/05/2026, foi nomeado e provisionado como Pároco da Paróquia Nossa Senhora Mãe de Jesus, no bairro Jardim Celeste, Decanato Santo André, Região Episcopal Ipiranga, o Reverendíssimo Padre Carlos Eduardo Cavallieri, SJS, pelo período de 06 (seis) anos.

PRORROGAÇÃO DA NOMEAÇÃO E PROVISÃO DE VIGÁRIO PAROQUIAL

Em 15/05/2026, foi prorrogada a nomeação e provisão como Vigário Paroquial da Paróquia Nossa Senhora Mãe de Jesus, no bairro Jardim Celeste, Decanato Santo André, Região Episcopal Ipiranga, do Reverendíssimo Padre Carlos Eduardo dos Santos Freitas, SJS, pelo período de 01 (um) ano.

NOMEAÇÃO E PROVISÃO DE ASSISTENTE ECLESIASTICO DE PASTORAL

Em 15/05/2026, foi nomeado e provisionado como Assistente Eclesiástico da Pastoral da Inclusão Social e da PCD da Região Episcopal Ipiranga, o Reverendíssimo Padre Edson Chagas Pacondes, pelo período de 02 (dois) anos.

Em 15/05/2026, foi nomeado e provisionado como Assistente Eclesiástico da Pastoral Missionária da Região Episcopal Ipiranga, o Reverendíssimo Padre Antônio Ramos de Moura Neto, OSJ, pelo período de 02 (dois) anos.

Em 15/05/2026, foi nomeado e provisionado como Assistente Eclesiástico da Pastoral da Caritas da Região Episcopal Ipiranga, o Diácono Permanente

Sr. Nelson Marques, pelo período de 02 (dois) anos.

Em 15/05/2026, foi nomeado e provisionado como Assistente Eclesiástico do Movimento do Terço dos Homens da Região Episcopal Ipiranga, o Reverendíssimo Padre Anderson Pereira Bispo, pelo período de 02 (dois) anos.

Em 15/05/2026, foi nomeado e provisionado como Assistente Eclesiástico do Ceti da Região Episcopal Ipiranga, o Reverendíssimo Padre José Maria Mohamed Júnior, pelo período de 02 (dois) anos.

Em 15/05/2026, foi nomeado e provisionado como Assistente Eclesiástico da Pastoral da Saúde da Região Episcopal Ipiranga, o Reverendíssimo Padre Palmiro Carlos Paes, pelo período de 02 (dois) anos.

Em 15/05/2026, foi nomeado e provisionado como Assistente Eclesiástico da Pastoral Bíblico-Catequética e do Batismo da Região Episcopal Ipiranga, o Reverendíssimo Padre Anderson Marçal Moreira, CN, pelo período de 02 (dois) anos.

Em 15/05/2026, foi nomeado e provisionado como Assistente Eclesiástico da Pastoral da Moradia da Região Episcopal Ipiranga, o Reverendíssimo Padre Antônio Ferreira Naves, SAC, pelo período de 02 (dois) anos.

Em 15/05/2026, foi nomeado e provisionado como Assistente Eclesiástico da Pastoral Social e da Obra Social da Casa da Solidariedade da Região Episcopal

Ipiranga, o Reverendíssimo Padre José Geraldo Rodrigues Moura, pelo período de 02 (dois) anos.

Em 15/05/2026, foi nomeado e provisionado como Assistente Eclesiástico da Pastoral da Família e do Encontro de Casais com Cristo (ECC) da Região Episcopal Ipiranga, o Reverendíssimo Padre Gilmar Souza da Silva, NDS, pelo período de 02 (dois) anos.

Em 15/05/2026, foi nomeado e provisionado como Assistente Eclesiástico da Pastoral dos Ministros Extraordinários da Sagrada Comunhão da Região Episcopal Ipiranga, o Reverendíssimo Padre Jefferson Mendes de Oliveira, pelo período de 02 (dois) anos.

Em 15/05/2026, foi nomeado e provisionado como Assistente Eclesiástico da Pastoral da Educação da Região Episcopal Ipiranga, o Reverendíssimo Padre Rodrigo Felipe da Silva, pelo período de 02 (dois) anos.

Em 15/05/2026, foi nomeado e provisionado como Assistente Eclesiástico da Pastoral da Liturgia da Região Episcopal Ipiranga, o Reverendíssimo Padre Silvio Luis dos Santos, DC, pelo período de 02 (dois) anos.

Em 15/05/2026, foi nomeado e provisionado como Assistente Eclesiástico da Legião de Maria da Região Episcopal Ipiranga, o Reverendíssimo Padre Zacarias José de Carvalho Paiva, pelo período de 02 (dois) anos.

Em 15/05/2026, foi nomeado e provisionado como Assistente Eclesiástico da

Pastoral Vocacional, dos Coroinhas e do Apostolado de Oração da Região Episcopal Ipiranga, o Reverendíssimo Padre Antônio José Laureano de Souza, pelo período de 02 (dois) anos.

Em 15/05/2026, foi nomeado e provisionado como Assistente Eclesiástico da Pastoral da Pessoa Idosa e da Pastoral da Sobriedade da Região Episcopal Ipiranga, o Reverendíssimo Padre Fausto Marinho de Carvalho Filho, pelo período de 02 (dois) anos.

Em 15/05/2026, foi nomeado e provisionado como Assistente Eclesiástico da Pastoral do Dízimo da Região Episcopal Ipiranga, o Reverendíssimo Padre Jorge Bernardes, pelo período de 02 (dois) anos.

Em 15/05/2026, foi nomeado e provisionado como Assistente Eclesiástico da Pastoral da Comunicação e da Juventude da Região Episcopal Ipiranga, o Reverendíssimo Padre José Cícero Teotônio da Silva, pelo período de 02 (dois) anos.

POSSES DE OFÍCIO

Em 24/05/2026, foi dada a posse canônica como Pároco da Paróquia Santa Teresa de Calcutá, bairro Jardim Leme - 3ª Divisão, Decanato Sant'Ana e São Joaquim, Região Episcopal Belém, ao Reverendíssimo Padre Edmundo Kangwa Chipulu, CSSp.

Em 24/05/2026, foi dada a posse canônica como Pároco da Paróquia Nossa Senhora da Consolata, bairro Jardim São Bento, Decanato São Judas Tadeu, Região Episcopal Sant'Ana, ao Reverendíssimo Padre Fred Opiyo Okumu, IMC.



Use o QRCode para acessar o Caderno Fé e Cidadania na internet, com mais artigos e links citados.

A civilização do amor na era digital: Magnífica, a mensagem imediata Igreja em um mundo desorientado

Arte: Sergio Ricciuto Conte



No século XXI, a humanidade atravessa uma verdadeira ‘policrise’: a aceleração tecnológica, as desigualdades crescentes, as ameaças à dignidade humana e as transformações impostas pela inteligência artificial desafiam a todos, sem exceção. Neste cenário inquietante, a Igreja é reconhecida cada vez mais como uma referência ética, sinal de amor e esperança. [Magnífica humanitas](#), a encíclica de Leão XIV sobre a inteligência artificial (IA), apresenta um itinerário cristão que não dá respostas, mas orienta fiéis e pessoas de boa vontade para adotarem uma postura justa e construtiva diante dos desafios e das maravilhas de nosso tempo – sem medos fóbicos e sem fascínios ilusórios.

Redação

A magnífica humanidade criada por Deus encontra-se hoje perante uma escolha decisiva: erguer uma nova torre de Babel ou construir a cidade em que Deus e a humanidade habitam juntos. Cada geração recebe em herança a tarefa de dar forma ao seu tempo: de fazer amadurecer a história como um lugar no qual a dignidade de cada pessoa seja salvaguardada, a justiça promovida e a fraternidade possibilitada [...] Ali onde a humanidade corre o perigo de perder a sua identidade, nós, cristãos, erguemos os olhos para o Deus feito carne, sabendo que “o mistério do homem só no mistério do Verbo encarnado se esclarece verdadeiramente” (*Gaudium et spes*, GS 22). Em Jesus Cristo, esta magnífica humanidade torna-se o Caminho, a Verdade e a Vida, abrindo a cada um de nós a via para crescermos até a plenitude (*Magnífica humanitas*, MH 1).

Está cada vez mais evidente quão rápida e profundamente a digitalização, a inteligência artificial (IA) e a robótica estão transformando o nosso mundo. A técnica não deve ser considerada, em si mesma, como antagonista em relação à pessoa

[...] Hoje, no entanto] cabe-nos enfrentar, com lucidez e responsabilidade, os desafios do nosso tempo. É necessário adotar instrumentos normativos adequados, capazes de salvaguardar a justiça e de conter os efeitos nocivos do poder tecnológico. Mas a questão não se esgota na regulamentação. Como alertou o Papa Francisco, devemos perguntar-nos, com realismo, quem detém hoje este poder e para que fins o orienta: “Não podemos ignorar que a energia nuclear, a biotecnologia, a informática, o conhecimento do nosso próprio DNA e outras potencialidades que adquirimos [...] dão, àqueles que detêm o conhecimento e sobretudo o poder econômico para o desfrutar, um domínio impressionante sobre o conjunto do gênero humano e do mundo inteiro” (*Laudato si?*, LS 104). Outrora, eram sobretudo os Estados a orientar e a dirigir a inovação. Hoje, pelo contrário, os principais motores do desenvolvimento são sujei-

tos privados, frequentemente transnacionais, dotados de recursos e capacidades de intervenção superiores aos de muitos governos. O poder tecnológico assume uma identidade inédita, predominantemente “privada” e, portanto, ainda mais difícil de discernir, gerir e orientar para o bem comum (MH 4).

Para responder a estas questões e discernir como viver com responsabilidade a era da inteligência artificial, gostaria de evocar duas imagens bíblicas: a da edificação da torre de Babel (cf. Gn 11,1-9) e a da reconstrução das muralhas de Jerusalém (cf. Ne 2-6). No livro do Gênesis [...], Babel revela o limite de qualquer construção, ainda que grandiosa, surgida da absolutização do humano e da sua pretensão de autossuficiência, do sacrifício da dignidade das pessoas em nome da eficiência e da ambição de alcançar o céu sem a bênção de Deus. O livro de Neemias, por sua vez, começa em um

momento de grande vulnerabilidade na história do antigo Israel. Após o exílio babilônico, uma parte do povo regressa a Jerusalém, mas a cidade continua devastada, com as muralhas ainda em ruínas [...] Neemias não impõe soluções vindas do alto: convoca as famílias, confia a cada uma delas uma parte da muralha para reconstruir, ouve os receios, coordena os esforços, enfrenta as oposições. O relato mostra como a cidade renasce não graças à iniciativa de uma única pessoa, mas por meio da responsabilidade partilhada por todo o povo. É uma obra que tem Deus no centro e que reconstrói as relações antes mesmo das pedras (MH 7-8).

À luz destas duas imagens, o Espírito Santo interpela-nos hoje sobre a nossa relação com a técnica e com a revolução digital em curso [...] A primeira escolha não é entre um “sim” ou um “não” à tecnologia, [...] mas entre um poder que pretende dominar o céu ou um povo que unido, na presença de Deus, começa o trabalho de reerguer os muros da convivência fraterna (MH 9).

Trechos de LEÃO XIV. Encíclica *Magnífica humanitas*, sobre a salvaguarda da pessoa humana na era da

Edição dos conteúdos: Franc

Critérios que orientam a tecnologia e nascem de uma Tradição viva

Os capítulos 2 e 3 da [Magnífica humanitas](#) iluminam os desafios da inteligência artificial ao resgatar e atualizar a tradição da Doutrina Social da Igreja. Para que o progresso técnico sirva ao ser humano, o documento parte da dignidade inalienável da pessoa, passa pelo bem comum, a destinação universal dos bens, a subsidiariedade, a solidariedade e a justiça social para chegar ao desenvolvimento humano integral.



Ambrogio Lorenzetti. Alegoria do Bom Governo (c. 1337-1340). Siena, Palazzo Pubblico

Sabedoria que nasce da fé e da história. A Doutrina Social da Igreja não é um manual de princípios e normas, mas um caminho de discernimento comunitário, que nasce do encontro entre a verdade eterna do Evangelho e as questões da história, dialogando com os sinais dos tempos, as ciências e as diferentes culturas. Quando a dignidade dos irmãos é desfigurada, quando a política não responde aos dramas da humanidade, quando a economia se volta contra a pessoa ou a ciência ultrapassa seus limites, a Igreja – com os demais cristãos e todas as pessoas de boa vontade – deve erguer a sua voz não para dominar, mas para servir a comunhão (MH 27).

Redação

A Igreja considera todos os que procuram sinceramente “a verdade, a bondade e a beleza” como companheiros de caminho, tendo-os como “preciosos aliados” ([Evangelii gaudium](#), EG 257) na defesa da dignidade de cada pessoa e no cuidado da criação. Assumindo o estilo pastoral do Concílio Vaticano II – que convida a ouvir, discernir e interpretar os sinais dos tempos – a Igreja, iluminada pela sabedoria da Palavra, não teme o encontro com o saber humano. [...] São João Paulo II recordava que a Igreja acolhe o contributo das ciências sociais “para dele obter indicações concretas que a ajudem a desempenhar as suas funções magisteriais” (Carta apostólica [Socialium scientiarum](#) de instituição da Pontifícia Academia de Ciências Sociais) ([Magnífica humanitas](#), MH 23).

Precisamente porque nasce da fé e da sua compreensão da realidade, a Doutrina Social da Igreja não se traduz em um repertório

de soluções técnicas nem em um modelo econômico ou político a opor a outros, mas pertence a um nível diferente: o dos princípios que orientam a leitura dos acontecimentos e fundamentam uma interpretação evangélica dos processos históricos e das escolhas que estes exigem ([Sollicitudo rei socialis](#), SRS 41) (MH 24).

A compreensão da verdade como dom a ser partilhado, e não posse a ser reivindicada, liberta a Igreja da tentação do saudosismo de formas de ser baseadas no poder. São João Paulo II convidava a olhar com sinceridade para os tempos em que se cedeu a “métodos de intolerância ou até mesmo de violência no serviço à verdade” ([Tertio millennio adveniente](#), TMA 35), para reencontrar o caminho evangélico do anúncio afável e da verdade que não deve ser imposta. Na mesma linha, reiterarei que a Igreja “não quer levantar a bandeira da posse da verdade”, porque esta não é um território a defender, mas um bem a partilhar [...] É uma verdade que não teme a diversidade, mas a acolhe e ordena; que não elimina os conflitos, mas os transfigura; que recompõe aquilo que a história tende a dispersar. Daí também a imagem do poliedro, uma figura com muitas faces, nas quais se reflete, sob diferentes ângulos, a mesma verdade do Evangelho (EG 236) (MH 25).

Os direitos humanos ameaçados. Ao olhar para o nosso tempo, não podemos ignorar que

a tutela dos direitos humanos está hoje exposta a dois riscos particularmente graves. O primeiro é o de uma declaração meramente formal deles, enquanto, a par do progresso tecnológico, se viola de modo velado ou manifesto a dignidade humana. O segundo, que na realidade está na base do primeiro, é o de não ser já possível reconhecer o fundamento da sua universalidade [...] Quando a razão se deixa interperlar seriamente a respeito da natureza humana, é capaz de descobrir valores que importam para todos, porque derivam dela. Se este trabalho de busca for abandonado, pode acontecer que direitos, hoje considerados intocáveis, acabem por ser, no futuro, postos em causa ou negados por quem detém o poder, talvez depois de ter obtido um consenso apenas aparente por parte de populações atemorizadas ou manipuladas ([Fratelli tutti](#), FT 209) (MH 56).

Com uma maior consciência do valor de cada pessoa humana e dos seus direitos, cresceu também o reconhecimento dos direitos das minorias. Ainda há, no entanto, um longo caminho a percorrer para, em todo o mundo, serem realmente garantidos de igual forma os direitos de uma grande parte, ou seja, os das mulheres. É um dado concreto que “duplamente pobres são as mulheres que padecem situações de exclusão, maus-tratos e violência, porque frequentemente têm menores possibilidades de defender os seus direitos” (SÃO JOÃO PAULO II, [Discurso na 50ª Assem-](#)

[bleia Geral das Nações Unidas](#), 5/out/1995). Portanto, não basta afirmar com palavras que homens e mulheres têm a mesma dignidade e os mesmos direitos; é necessário que isso se traduza em escolhas concretas, em leis, no acesso ao trabalho, à instrução, às responsabilidades sociais e políticas, na forma como a sociedade escuta e valoriza o contributo das mulheres. Enquanto persistir esta disparidade, não poderemos afirmar que a sociedade reconhece às mulheres, verdadeira e plenamente, a mesma dignidade dos homens (MH 57).

São as pessoas concretas que contam: cada uma delas e as suas famílias. Os movimentos sociais, as grandes declarações políticas a favor do povo e as ideologias comunitárias não servem para nada se não se orientarem à promoção das pessoas – homens e mulheres – com os seus direitos inalienáveis. Da mesma forma, não basta exaltar a liberdade individual ou a iniciativa privada, se depois se aceita que uma multidão de pessoas continue a viver sem um trabalho digno, sem direitos tu-

telados, sem acesso aos bens fundamentais (MH 58).

O bem comum. Reconhecer que cada mulher e cada homem possui em si uma dignidade inalienável e direitos que nenhum poder humano deve ferir ou eliminar, exige que se reconfigure o modo como vivemos juntos, as nossas escolhas econômicas e políticas, o rosto concreto das nossas cidades. Daqui nasce o primeiro grande princípio da Doutrina Social que desejo recordar: o bem comum. Podemos descrevê-lo como a forma social da dignidade reconhecida a cada um. [...] para um cristão, sair do pequeno mundo dos próprios interesses e empenhar-se, na medida das suas possibilidades, pelo bem comum, é um valor não negociável, tal como o é a promoção da vida [...] O bem comum não se deixa reduzir a uma simples lista de condições ou instituições. Não coincide com a soma dos benefícios dos indivíduos, nem com o entrecruzar-se dos seus interesses particulares; é um bem maior, que pertence a todos, e só em conjunto se pode construir, aumentar e salvar (MH 59-60).

Cabe ao Estado a tarefa de garantir a coesão, a unidade e a organização justa da sociedade civil, para que o bem comum possa ser realmente alcançado com a contribuição de todos. Em concreto, isso significa que o poder público tem a delicada tarefa de “harmonizar com justiça” (*Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, CDSI 169) os diversos interesses em jogo, procurando um equilíbrio entre os bens particulares e os bens da coletividade, sem deixar para trás os mais fracos. Quando a política renuncia a uma visão a longo prazo, reduzindo-se a cálculos de curto alcance ou a estereis polarizações, os discursos sobre o bem comum perdem credibilidade e crescem, ao mesmo tempo, desigualdades e fraturas sociais (MH 63).

A destinação universal dos bens. Existe um direito à propriedade privada que tem o seu sentido e função própria, mas está sempre subordinado à destinação universal dos bens. Segundo São João Paulo II, esta subordinação constitui a regra de ouro do comportamento social e “o primeiro princípio de toda a ordem ético-social” (*Laborem exercens*, LE 19). [...] Hoje, entre os bens que se destinam universalmente a todos, devemos contar as novas formas de propriedade: patentes, algoritmos, plataformas digitais, infraestruturas tecnológicas e dados. Em um contexto em que a riqueza das nações depende cada vez mais de conhecimentos e tecnologias, quando estes bens permanecem concentrados nas mãos de poucos, sem formas ade-

quadas de partilha e acesso, cria-se um novo desequilíbrio que contradiz a destinação universal dos bens e alimenta o fosso entre incluídos e excluídos, entre quem pode participar na revolução digital e quem fica à margem (MH 66-67).

A subsidiariedade. A Doutrina Social da Igreja denomina “subsidiariedade” o princípio segundo o qual aquilo que as pessoas, as famílias, as comunidades locais e outros “corpos intermédios” podem fazer não deve ser absorvido por instâncias superiores. As instituições de nível superior devem reconhecer, proteger e promover a liberdade e a criatividade das instâncias inferiores, coordenando as suas contribuições para que cooperem eficazmente em prol do bem comum (CDSI 187). [No contexto da revolução digital...] a instância agregadora de competências, dados e capacidade de decisão é constituída de empresas e plataformas, que definem condições de acesso, regras de visibilidade, formas de relação e até mesmo oportunidades econômicas. A subsidiariedade exige que tais processos não sejam impostos a partir de cima, de modo opaco e unilateral, mas que sejam orientados para o bem comum por meio da transparência, da responsabilidade e de formas concretas de participação (auditorias independentes, transparência sobre os algoritmos, acesso equitativo aos dados, instrumentos de

recurso) (cf. FT 169) (MH 68-71).

A solidariedade. Quando a subsidiariedade não é acompanhada da solidariedade, acaba por transformar-se em mera tutela de interesses particulares; quando a solidariedade não é suportada pela subsidiariedade, degenera em assistencialismo que não promove a responsabilidade (*Caritas in veritate*, CV 58) [...] A solidariedade exige que as escolhas em matéria de dados, algoritmos, plataformas e inteligência artificial tenham em conta não só a vantagem imediata de alguns, mas também a repercussão sobre o conjunto dos povos e sobre as gerações futuras (MH 74-76).

A justiça social. Para a comunidade cristã, a justiça social é uma forma concreta de seguir Jesus e de fidelidade ao seu Evangelho [...] A ideia de “justiça social” ajuda a reconhecer que as injustiças não surgem apenas das escolhas erradas dos indivíduos, mas também de estruturas, mecanismos e sistemas econômicos e culturais que, de forma quase automática, produzem desigualdades. [...] a justiça não diz respeito só a uma distribuição mais equitativa dos bens ou à correção das injustiças atuais, mas assume uma dimensão reparadora. Ela visa a recompor relações destruídas e reintegrar quem foi excluído, tendo em conta as feridas deixadas pelas injustiças: guerras, colonialismo, discriminações raciais ou de gênero, violências

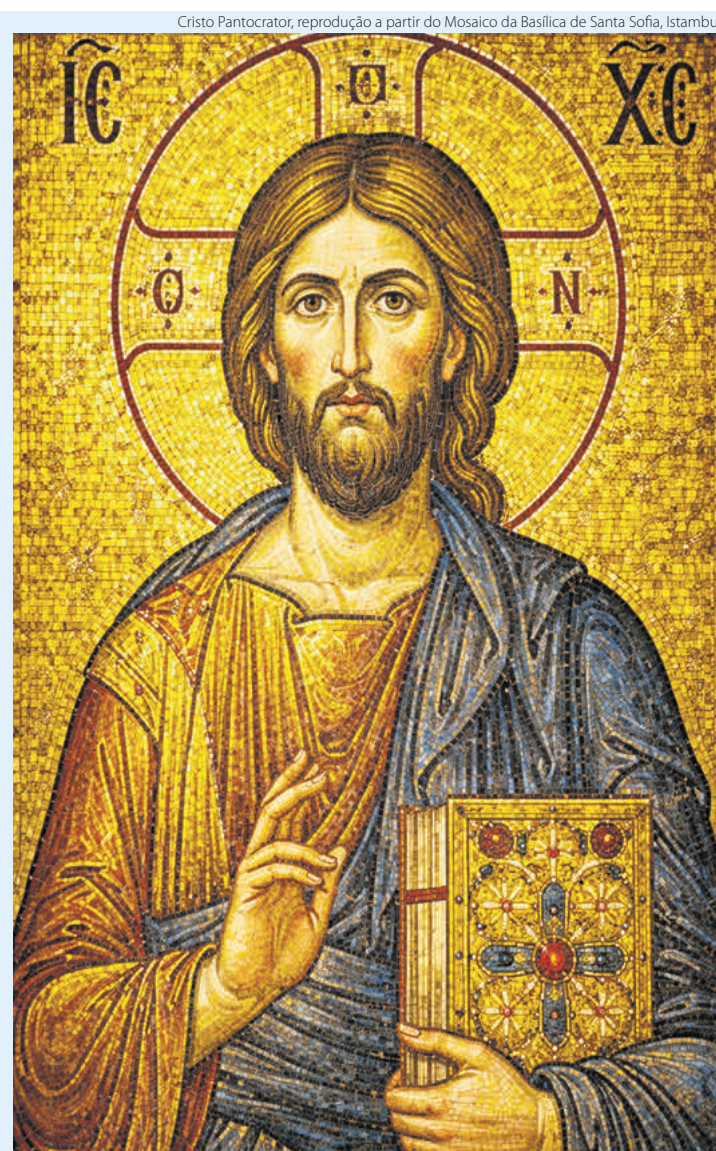
contra povos inteiros, exploração (MH 77-79).

O desenvolvimento humano integral. Na *Populorum progressio*, São Paulo VI afirma que o desenvolvimento só é autêntico se for “integral”, ou seja, destinado a “promover todos os seres humanos e o ser humano todo” [...] Constitui o horizonte a partir do qual devemos interpretar as transformações do nosso tempo, incluindo as da revolução digital. As inovações tecnológicas – entre elas a inteligência artificial – não são neutras: podem aumentar a participação e a justiça, ou, pelo contrário, agravar desigualdades, controle e exclusão. Por isso, devem ser avaliadas a partir de uma pergunta decisiva: contribuem realmente para que as pessoas e os povos cresçam em humanidade e fraternidade, no respeito pela casa comum e pelas gerações futuras? (MH 85).

Trechos de LEÃO XIV. Encíclica *Magnifica, sobreranitas* salvaguarda da pessoa humana na era



Pablo Picasso. Retrato de Ambroise Vollard. Museu Pushkin, Moscou



Cristo Pantocrator, reprodução a partir do Mosaico da Basílica de Santa Sofia, Istambul

A dignidade intrínseca à pessoa humana. Se o mistério de Deus-Amor é a fonte da Doutrina Social, contemplamos o seu rosto mais concreto em Jesus Cristo, Verbo encarnado [...] Nele “o mistério do homem [...] se esclarece verdadeiramente” (*Gaudium et spes*, GS 22), porque a sua humanidade é plenamente livre, aberta aos outros, capaz de construir relações solidárias e belas, comprometida com o dom total de si mesmo [...] Cada pessoa, constitutivamente feita para a relação, é pensada e desejada por Deus para entrar em uma história de comunhão com Ele, com os outros e com a criação. A sua dignidade não depende das capacidades que possui, das riquezas ou da função que desempenha, de escolhas certas ou erradas, mas é um dom que a precede e a ultrapassa, concedido por Deus como expressão do seu amor que nunca falha. Por isso, a pessoa humana permanece sempre “a via da Igreja” (*Redemptor hominis*, RH 14) e o coração de todo o caminho autêntico de desenvolvimento humano integral (*Caritas in veritate*, CV 11). É a dignidade que pertence a cada ser humano simplesmente porque existe, foi desejado, criado e amado por Deus: nenhum pecado, nenhum fracasso, nenhuma humilhação, nenhuma exclusão pode afetar o valor profundo de uma vida humana que Ele desejou e chamou à existência (*Dignitas infinita*, DI 7-8) [...] Como afirmou São João Paulo II, a dignidade de cada ser humano pode dizer-se infinita por duas razões: porque é infinito o amor de Deus que o chama à amizade com Ele, e porque é absolutamente incondicional, no sentido de que nunca se encontrará nada, ainda que se procure incessantemente, capaz de apagá-la ou negá-la (MH 49-53).

Sob a lógica do paradigma tecnocrático e do poder digital

Vivemos em um tempo dominado por um paradigma tecnocrático, em que o poder parece dar a última palavra sobre o ser humano. A tecnologia promete libertar e, simultaneamente, ameaça subjugar.

Magnífica humanitas, sem recusar o progresso, convida a discernir: qual humanidade estamos construindo?

Redação

Na encíclica *Laudato si'* (LS), o Papa Francisco denunciava a crescente afirmação de um paradigma tecnocrático no mundo globalizado: a tendência de deixar que a lógica da eficiência, do domínio e do lucro governe por si só as escolhas pessoais, sociais e econômicas (cf. LS 106-109). A técnica não é um mero instrumento e, quando se torna critério, acaba por determinar o que é importante e o que pode ser descartado, reduzindo a criação a objeto de exploração e as pessoas a engrenagens de um sistema que quer ser sempre mais eficiente (*Magnífica humanitas*, MH 92).

Este paradigma tem-se expandido rapidamente nos últimos anos, devido também à difusão da inteligência artificial, das ciências cognitivas, da nanotecnologia, da robótica e da biotecnologia [...] Mas, devido ao seu poder, podem agir como um acelerador do paradigma tecnocrático e, por isso, necessitam de um novo enquadramento espiritual, ético e político [...] Neste sentido, as palavras de Romano Guardini continuam surpreendentemente atuais: “O homem moderno não está educado para usar corretamente o seu poder” (*O fim dos tempos modernos*. Lisboa: Moraes Editora, 1964, p. 103) [...] O progresso técnico, em si precioso, exige um discernimento sobre a visão antropológica que o orienta e sobre os fins que persegue. Se o desenvolvimento tecnológico avança sem uma maturação ética e social adequada, pode acontecer que os meios aumentem sem que a humanidade cresça na mesma medida: “tem-se mais”, mas não “se é mais” e a pessoa corre o risco de ser avaliada sobretudo com base no desempenho que garante (MH 93-94).

A inteligência artificial (IA). Que se evite o equívoco de equiparar a “inteligência” artificial à humana. Estes sistemas imitam algumas funções da inteligência humana [...] Mas seu] poder permanece exclusivamente ligado ao tratamento de dados: as ditas inteligências não vivem uma experiência, não possuem um corpo, não passam pela alegria e pela dor, não amadurecem nas relações, não conhecem internamente o que significa amor, trabalho, amizade, responsabilidade. Nem sequer possuem uma consciência moral: não julgam o bem e o mal, não captam o sentido último das situações, não assumem sobre si o peso das consequências. Podem imitar linguagens, comportamentos, avaliações, podem simular empatia ou entendimento, mas não compreendem o que produzem, porque não penetram o horizonte afetivo, relacional e espiritual no qual o ser humano se torna sábio (MH 99).

A rapidez e a simplicidade com que podem obter orientações, processamentos

complexos, conteúdos midiáticos e formas de assistência concreta simplificam as nossas vidas, mas também podem habituar-nos a delegar em demasia e a procurar respostas prontas, enfraquecendo a própria opinião e a criatividade [...] A imitação artificial de uma comunicação humana positiva – palavras de conselho, empatia, amizade, amor – pode revelar-se gratificante e até útil, mas, em utilizadores pouco conscientes, pode induzir em erro e criar a ilusão de estarem em relação com um sujeito pessoal autêntico. Quando a palavra é simulada, mas não encarnada,

ela não constrói uma relação, mas sim uma aparência dela (MH 100).

Responsabilidade e IA. O uso da IA nunca é uma questão puramente técnica: ao interferir em processos que afetam a vida das pessoas, ela incide sobre direitos, oportunidades, reputação e liberdade [...] Nestes processos, o que se perde não é apenas a empatia para com o excluído – que pode ser imitada artificialmente – mas a responsabilidade política, porque o descarte dos fracos é revestido de neutralidade e objetividade, perante as quais

é impossível protestar. E, assim, a injustiça torna-se silenciosa e desaparecem do horizonte a compaixão, a misericórdia e o perdão, não como mera aparência, mas como gestos políticos (MH 102-103).

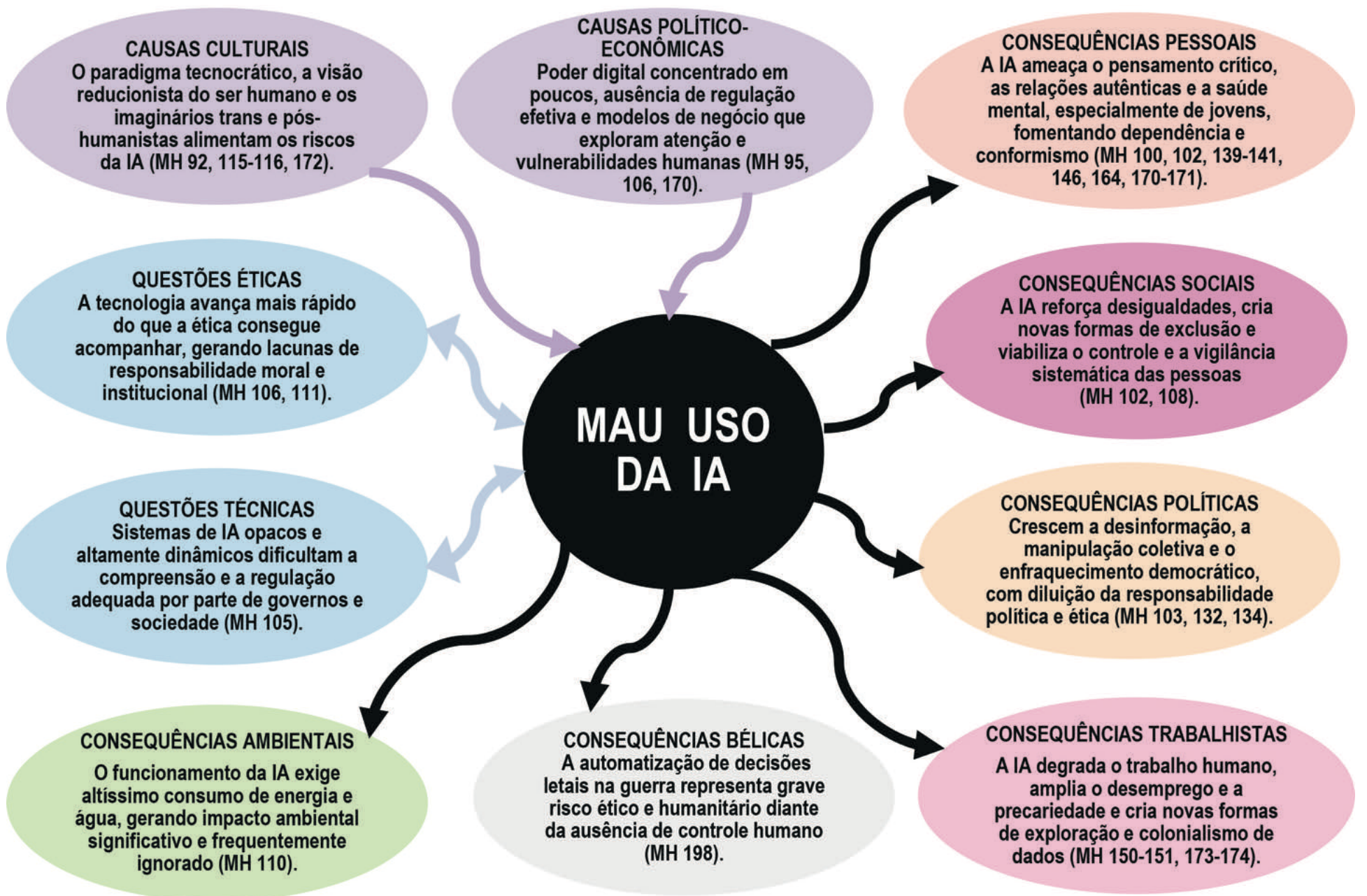
O risco não é apenas o do mau uso de algumas tecnologias, mas que o paradigma tecnocrático em que estamos imersos, potencializado pela revolução digital e pela IA, faça parecer justa e normal uma visão anti-humana, segundo a qual a plenitude da vida consistiria em possuir mais, em reduzir a fragilidade, eliminar o imprevisível e controlar tudo. Quando a eficiência se torna a medida do valor, o ser humano é tentado a pensar-se como um projeto a otimizar, mais do que como uma criatura chamada à relação e à comunhão [...] O poder técnico, se não for equilibrado, não nos torna mais capazes: torna-nos mais sós e mais expostos a lógicas de domínio e de exclusão. Não se trata, evidentemente, de se opor à inteligência, mas de recordar que esta, quando se fecha em si mesma, esquece ter sido feita para servir à vida e à pessoa humana (MH 112-113).

Transumanismo e pós-humanismo. Na tentativa de evidenciar os pressupostos culturais que acompanham a revolução digital em curso, gostaria agora de focar algumas correntes que interpretam o progresso como uma superação do humano e que podem ser agrupadas sob os nomes de transumanismo e pós-humanismo, pano de fundo ideológico que está presente em alguns centros de poder tecnológico e coloniza o imaginário coletivo de forma simplificada [...] com uma visão futurista do “homem aperfeiçoado” ou do “homem hibridado” com a máquina (MH 115).

O transumanismo, em linhas gerais, imagina um aperfeiçoamento do ser humano por meio das tecnologias (biomedicina, engenharia corporal, dispositivos, algoritmos), aspirando a aumentar o seu desempenho e capacidades. O pós-humanismo, sobretudo nas suas versões radicais, vai além: critica o antropocentrismo e propõe uma forma de hibridação entre o ser humano, a máquina e o ambiente, chegando a imaginar uma transição em que a humanidade se superará a si própria, entrando em um novo estágio de evolução [...] Mas se o ser humano for tratado como matéria a aperfeiçoar ou a ultrapassar, é então mais fácil aceitar que alguns sejam considerados menos úteis, desejáveis e dignos. Em nome do progresso, pode chegar-se a imaginar “sacrifícios necessários” e a fazer com que os mais frágeis paguem o preço de uma suposta otimização da espécie. [...] Uma coisa é integrar as tecnologias em uma visão humana e relacional; outra é deixar-se guiar por um imaginário que desvaloriza os limites e promete uma “salvação” puramente técnica (MH 116).



No limite e na fraqueza, a sabedoria. A nossa relação com a vida parece estar hoje em crise. Tudo o que se apresenta como “limite” – incapacidade, doença, velhice, sofrimento, vulnerabilidade – tende a ser interpretado, antes de mais, como um defeito a corrigir, e não como um espaço em que o humano amadurece e se abre à relação. Em vez disso, devemos recordar que o humano não floresce apesar dos limites, mas, muitas vezes, por meio dos limites [...] É precisamente na nossa limitação que encontram espaço a compaixão, a sincera preocupação perante as necessidades dos outros, a generosidade que surpreende mesmo no meio da escuridão e do fracasso, a experiência espiritual e a adoração de Deus. Vemo-lo em tantos momentos em que os limites se tornam concretos na nossa vida, quando somos rejeitados, quando sofremos por causa da doença ou da morte de uma pessoa amada, quando experimentamos o sentimento de impotência ou o fracasso. Misteriosamente, é precisamente nestas adversidades que podemos encontrar uma sabedoria nova, tocar com as próprias mãos o carinho das pessoas e experimentar diversamente a presença do Senhor (MH 118-119).



Verdade e poder, democracia e educação. No contexto digital, o controle das plataformas, das infraestruturas, dos dados e da capacidade de computação não é prerrogativa dos Estados, mas sim de grandes sujeitos econômicos e tecnológicos que, na prática, estabelecem as condições de acesso, as regras de visibilidade e as próprias possibilidades de participação. Quando um poder desta magnitude se concentra na mão de poucos, ele tende a tornar-se opaco e a fugir ao controle público, aumentando o risco de um desenvolvimento distorcido que gera novas dependências, exclusões, manipulações e desigualdades (MH 95).

Quem detém o controle das plataformas digitais e dos meios de comunicação possui uma enorme capacidade de influenciar o imaginário coletivo e de apresentar como desejável uma determinada visão da realidade. É um poder que exige ser continuamente iluminado pela busca da verdade e pelo respeito pela dignidade humana, para que a cultura que se gera na rede não se torne um instrumento de distração excessiva, de homogeneização e de domínio, mas um espaço em que possam amadurecer a liberdade interior e o pensamento crítico (MH 136).

Ferramentas que poderiam favorecer o debate e a participação são frequentemente utilizadas para construir narrativas distorcidas e anular as distinções entre o verdadeiro e o falso, misturando dados e opiniões. A desinformação não surge com a IA, embora nela encontre hoje um poderoso multiplicador [...] O desinteresse pela verdade leva, lenta, mas inexoravelmente, a deslizar para o totalitarismo (MH 132).

Se não estivermos atentos, pode formar-se um sistema educativo desprovido

de amor à verdade, no qual o fluxo incessante de informações substitui o exercício de investigação, reflexão e discernimento [...] É necessário promover uma verdadeira higiene da atenção: ritmos que prevejam silêncio, estudo aprofundado, leitura, debate ponderado. Sem estes elementos, a liberdade interior pode ficar comprometida (MH 146).

Não se devem subestimar as formas mais sutis de dependência ligadas à economia digital da atenção, na qual plataformas e serviços são concebidos para captar o tempo e o olhar dos usuários, explorando as suas fragilidades e enfraquecendo a liberdade interior. É urgente promover uma utilização das tecnologias que reforce a liberdade interior: educação para a sobriedade digital, proteção dos menores e combate a modelos que prosperam à custa da vulnerabilidade (MH 170).

IA e trabalho. O entrecruzar-se de automação, robótica e IA está transformando rapidamente a própria estrutura do trabalho [...] As “novas formas” de trabalhar não são necessariamente melhores: os trabalhadores são frequentemente obrigados a adaptar-se à velocidade e às exigências das máquinas, podendo ser desqualificados, submetidos

à vigilância automatizada e relegados a funções rígidas e repetitivas. Para evitar isso, é necessário conceber sistemas centrados na pessoa e não apenas no desempenho (MH 150).

São João Paulo II recordou que o desemprego é um mal grave [...] que interpela de modo especial a responsabilidade do Estado (*Laborem exercens*, LE 18). Hoje, na “quarta revolução industrial”, esta preocupação torna-se mais premente, uma vez que a inovação é, frequentemente, entendida em função apenas da redução dos custos e do aumento dos lucros [...] Uma sociedade que só garantisse emprego a uma pequena parte da população exporia muitos a uma condição de inatividade forçada, de ausência de responsabilidades, de falta de compromissos e estímulos diários, com consequente empobrecimento humano e cultural, em contraste com o elevado nível de desenvolvimento técnico. Por isso, a Doutrina Social da Igreja insiste que o acesso de todos ao trabalho deve continuar a ser um objetivo prioritário das políticas públicas e dos processos econômicos (MH 151-154).

Tempos de guerra. Se olharmos para as dinâmicas mundiais, reconhecemos cada vez mais claramente a expansão de

uma cultura do poder, feita de polarizações e violências [...] A guerra é preparada culturalmente por meio de narrativas simplistas, lógicas de amigo-inimigo, desinformação e medo. É neste clima que a humanidade se encontra a resvalar para a cultura violenta do poder, em que a paz já não aparece como uma tarefa a assumir, mas como um intervalo precário entre conflitos. Hoje, mais do que nunca, é importante reafirmar que foi superada a teoria da “guerra justa”, invocada com demasiada frequência para justificar qualquer guerra, mantendo-se o direito à legítima defesa entendida no sentido mais estrito (cf. FT 258). Para enfrentar os conflitos, a humanidade dispõe de instrumentos muito mais eficazes e capazes de promover a vida humana, como o diálogo, a diplomacia e o perdão (MH 185-192).

Fala-se por vezes de “agentes morais artificiais”, como se uma máquina pudesse garantir, com maior coerência do que um ser humano, a distinção entre o bem e o mal. Ora, o juízo moral não se reduz a um cálculo: implica consciência, responsabilidade pessoal e reconhecimento do outro como pessoa. Por isso, não é lícito confiar a sistemas artificiais decisões letais ou, de qualquer forma, irreversíveis. Não existe algoritmo que possa tornar a guerra moralmente aceitável. A IA não retira ao conflito a sua intrínseca desumanidade: apenas o torna mais rápido e impessoal, baixando o ônus do recurso à violência e transformando a defesa em previsão operacional, com as vítimas reduzidas a dados (MH 198).

Trechos de LEÃO XIV. Encíclica *Magnifica*, sobre a inteligência artificial e a salvaguarda da pessoa humana na era da inteligência artificial.

Rumo à civilização do amor na era da IA

Diante do paradigma tecnocrático, de uma cultura que se organiza em torno do exercício do poder, entendido como pura dominação, Leão XIV, na [Magnífica humanitas](#), retoma os princípios da Doutrina Social da Igreja, atualizando-os para a era da IA e orientando-nos no caminho da ‘civilização do amor’.

Redação

Os princípios da Doutrina Social ajudam-nos a interpretar esta nova realidade. Em um mundo em que poucos sujeitos concentram dados, capital computacional e capacidade normativa, falar de bem comum significa desmascarar esta nova assimetria epistêmica, econômica e política, dando nome aos novos monopólios da inteligência artificial (IA). Falar de destinação universal dos bens significa encontrar formas de garantir o acesso universal às tecnologias e à formação. Falar de subsidiariedade é pedir que se proteja a capacidade de as comunidades escolherem e corrigirem, sem relegar a sua intervenção a uma mera vigilância, depois das normas terem sido definidas em outro local. Falar de solidariedade obriga a reconhecer o trabalho invisível, frequentemente explorado, que alimenta os modelos algorítmicos. Falar de justiça impõe questionar as geografias do poder que definem quem pode treinar os modelos e quem é apenas objeto de treino, e reconhecer que a justiça social não é apenas um objetivo a proteger após a adoção das tecnologias,

mas uma condição prévia, a ser posta em prática no seu próprio projeto (MH 109).

Ética e responsabilidade. Para que a IA respeite a dignidade humana e sirva verdadeiramente ao bem comum, é essencial que as responsabilidades sejam claras em todas as etapas: desde quem concebe e treina os sistemas até quem os utiliza e decide confiar-lhes escolhas concretas. Em muitos casos, contudo, os processos internos que conduzem a um resultado podem ser pouco transparentes, o que torna mais difícil atribuir responsabilidades e corrigir erros. É aqui que se torna decisivo o que chamamos *accountability*: a possibilidade de identificar quem deve “prestar contas” das decisões, motivá-las, controlá-las e, quando necessário, contestá-las, reparando os danos daí decorrentes (*Antiqua et nova*, AetN 44-45) [...] Não basta invocar genericamente a ética: são necessários quadros jurídicos adequados, vigilância independente, educação dos utilizadores, uma política que não renuncie à sua missão (MH 105-106).

Não podemos limitar-nos a invocar a moralização da máquina, o chamado “alinhamento” da IA com os valores humanos, sem termos a coragem de impor uma condição adicional: a possibilidade de discutir o código ético a ser utilizado, submetendo-o a critérios de justiça social partilhada [...] Não precisamos de uma IA mais moral, se esta moral for decidida por poucos (MH 107).

Desarmar a IA. Gostaria de utilizar

uma palavra que me é cara: “desarmar”. Desarmar a IA significa subtraí-la à lógica da competição armada, que hoje não é apenas militar, mas também econômica e cognitiva [...] Desarmar significa quebrar esta equivalência entre poder técnico e direito de governar. Não significa renunciar à tecnologia, mas impedir que ela domine o ser humano. Significa retirá-la dos monopólios, torná-la discutível, contestável e, portanto, habitável, devolvendo-a à pluralidade das culturas humanas e das formas de vida (MH 110).

Dirijo um apelo especial àqueles que desenvolvem as inteligências artificiais. A inovação tecnológica pode ser, em certo sentido, uma forma humana de participar no ato divino da criação. Portanto, os programadores assumem um particular peso ético e espiritual, pois cada escolha feita no projeto expressa uma visão da humanidade. Tal como o autor de uma obra artística ou literária é responsável por ponderar os valores que ela expressa, também eles são chamados a tratar com a devida seriedade os valores que infundem nos seus projetos: com transparência, com responsabilidade em relação às comunidades envolvidas e com a atenção necessária em confirmar que o que está a ser cultivado é efetivamente um bem (MH 111).

O verdadeiro “mais que humano”. A expressão “mais que humano” não pertence apenas à linguagem das promessas da tecnologia. Há séculos que a tradição cristã afirma que o ser humano não está confinado aos limites da própria natureza,

mas é chamado a transcender-se a si mesmo: não para fugir da realidade ou por desprezo dos limites, mas para se realizar no amor. A fé conhece um “além” que nasce do dom de Deus. Esta transformação é obra do Espírito Santo [...] “Se alguém está em Cristo, é uma nova criação. O que era antigo passou; eis que surgiram coisas novas” (2 Cor 5,17).

Como explicava o Papa Francisco, “chegamos a ser plenamente humanos, quando somos mais do que humanos, quando permitimos a Deus que nos conduza para além de nós mesmos a fim de alcançarmos o nosso ser mais verdadeiro” (EG 8). Aqui reside a diferença radical em relação aos sonhos prometeicos: o que salva o ser humano não é a autossuficiência aperfeiçoada, mas uma relação que liberta, uma comunhão que transforma (MH 127-128).

Dois cidades e dois amores. A questão decisiva continua a ser a que indicou São João Paulo II: a IA torna “a vida humana sobre a terra, em todos os seus aspectos, ‘mais humana’? Torna-a mais ‘digna do homem’?” (*Redemptor hominis*, RH 15). Se a resposta for “sim”, en-

Imagem gerada por IA (Gemini-AI)



O falso realismo político e a história que mostra esperança. Vivemos em uma época de notável cegueira espiritual e cultural [...] Mesmo quem invoca grandes princípios morais pode cair neste niilismo histórico, iludindo-se com a ideia de que as atrocidades do século XX não se podem repetir [...] Por trás de tudo isto está um falso “realismo”, baseado não só na lógica dominante da força, mas também em uma convicção cultural e antropológica, como se a guerra fosse inevitavelmente parte da natureza humana [...] Verdadeiramente irresponsável é a *Realpolitik*, esta forma de “realismo” político, que [...] qualifica a paz e o diálogo como posições utópicas ou irracionais, que ignoram os riscos em jogo. Pelo contrário, a paz não é uma esperança ingênua nem apenas uma ausência de guerra: é o fruto, sempre possível, da justiça e da caridade. Neste clima [...] extremismos religiosos e fanatismos identitários aliam-se a um economicismo irracional, enquanto a política recorre com facilidade à desinformação, à ridicularização do adversário e à construção sistemática de medos e ressentimentos (MH 204-206).

A história não se apresenta apenas como o catálogo das nossas violências, mas como a prova de que o ser humano é capaz de criar instituições capazes de proteger a vida em comum. Vemos isso em alguns marcos emblemáticos dos últimos dois séculos: o nascimento do Comitê Internacional da Cruz Vermelha (1863); o longo processo que conduziu à abolição da escravatura; a fundação da Organização das Nações Unidas (1945) e a Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948), que estabeleceram uma linguagem comum para afirmar, pelo menos como ideal partilhado, que a dignidade é universal (MH 123).

Alguns acontecimentos ajudam a ver que a história pode mudar quando mesmo um só homem ou mulher leva realmente a sério a dignidade de todos: o movimento pelos direitos civis nos Estados Unidos, ligado também ao testemunho de Martin Luther King Júnior, ou o fim do *apartheid* na África do Sul após a libertação de Nelson Mandela e a sua decisão de não entregar ao ódio o futuro. Em contextos diferentes [... temos muitos outros testemunhos, tais como:] Santa Laura Montoya, Santa Teresa de Calcutá, Dorothy Day, Marie Skłodowska-Curie, Maria Montessori, Elisabeth Elliot, Wangari Maathai, Benazir Bhutto, São Maximiliano Maria Kolbe, São Oscar Romero, o Beato Enrique Angelelli e o Venerável François-Xavier Nguyễn Văn Thuận. E, sobretudo, os “mártires do cotidiano” que cuidam, educam, acompanham e consolam sem alarde [...] Por isso, a humanidade – magnífica e ferida – não deve ser substituída nem superada: pode acolher os progressos da técnica para aliviar os sofrimentos e abrir novas possibilidades, desde que não renuncie ao que lhe permite ser ela mesma, ou seja, a capacidade de relação e de amor (MH 124-126).

NA CULTURA DO PODER



A disponibilidade de meios e a capacidade de dominação ditam a agenda; o bem comum é relegado. A mentalidade tecnocrática trata a pessoa como recurso a otimizar, sobre-



-
-
-



Plataformas e algoritmos exploram as fragilidades dos



-
-



sempre crescente. A extração de recursos para a indústria



mismos e fanatismos aliam-se ao economicismo, usando o



-
-
-



A guerra é normalizada como instrumento político; o direito do mais forte substitui o direito internacional. A cor-



reduzida a dano colateral. O ciberespaço transforma-se em campo de batalha com responsabilidades difusas. As histó-

NA CIVILIZAÇÃO DO AMOR



A caridade ganha corpo institucional em estruturas de justiça e fraternidade; o outro é aliado na construção do bem



-
-



-



de reconstrói a confiança entre as pessoas e entre os



-
-



organismos internacionais tornam-se instrumentos de re-



mo imaginar a guerra. A memória do passado con-



-
-



permanecem sob controle humano. A diplomacia negocia

tão podemos reconhecer nela uma boa possibilidade a ser vivida com responsabilidade, em um caminho de reconstrução paciente e partilhada [...] Questionar-nos sobre essa alternativa de progresso e sobre o nosso modo de interpretar e viver, no fundo significa sempre questionar-nos também sobre o nosso coração. Com efeito, a forma como pensamos e estruturamos as relações, o trabalho e as instituições, revela os nossos valores fundamentais e, em última análise, nasce daquilo que nos é mais caro. É um amor que nos guia: o que, como indivíduos e como

sociedade, amamos verdadeiramente, orienta a nossa vida e ações. Santo Agostinho descreve a história humana como um campo de batalha entre dois amores, que construíram duas formas de habitar o mundo e de conviver, duas “cidades”: Por um lado, o amor a Deus e ao próximo; por outro, o amor exclusivo a si mesmo. “Dois amores fizeram as duas cidades: o amor de si até o desprezo de Deus – a terrestre; o amor de Deus até o desprezo de si – a celeste” (*De civitate Dei*, XIV, 28). Como em toda a história humana, também hoje estes dois amores lutam no nosso coração pelo predomínio (MH 129-130).

Responsabilidade e oração. John R.R. Tolkien [...] por meio das palavras do protagonista de um romance seu, des-

creveu assim a nossa responsabilidade: “Não nos compete dominar todas as mares do mundo, mas, sim, fazer o que nos for possível para ajudar os anos em que estamos inseridos, erradicando o mal nos campos que conhecemos para que quem viver depois possa ter terra limpa para cultivar” (*O Senhor dos Anéis: O Retorno do Rei, Livro V, Cap.9*). A civilização do amor não nasce de um gesto único e espetacular, mas de uma soma de pequenas e tenazes fidelidades, que travam a desumanização (MH 213).

Estas pistas de ação nutrem-se da oração e alimentam-na. Com efeito, para nós, a paz “vem de Deus, do Deus que nos ama a todos incondicionalmente” (*Primeira bênção Urbi et Orbi*, 8/mai/2025). É um dom entregue por Jesus

aos seus discípulos no dia da Páscoa: “A paz esteja convosco! Esta é a paz de Cristo Ressuscitado, uma paz desarmada e uma paz desarmante, que é humilde e perseverante” (idem). Com estas palavras, saudei a Igreja e o mundo no dia da minha eleição para o sólio de Pedro, e desejo repeti-las, convidando todos a pedir este dom. Não nos cansemos de rezar pela paz e de nos empenharmos para a concretizar nas nossas relações e na sociedade (MH 228).

Tecelões de esperança na era da IA

Na conclusão de [Magnífica humanitas](#), Leão XIV traça um programa de vida cristã para a era da IA em quatro pontos: as virtudes teológicas (fé, esperança, caridade) e a oração.

Redação

Queridos irmãos e irmãs, interroguemo-nos sobre o mundo que estamos construindo, perguntando-nos o que significa salvaguardar a pessoa humana na era da inteligência artificial (IA). No final deste percurso, desejo entregar-vos um itinerário de vida cristã sóbrio e exigente, com o qual podemos viver esta mudança de época à luz do Evangelho. É um caminho que nasce da contemplação do desígnio de Deus, vive a unidade eclesial alimentando-se da Palavra e da Eucaristia, edifica o mundo no bem e reza com a Virgem Maria (MH 229).

A fé contempla o desígnio de amor do Pai na era da IA. Em um mundo marcado por tantas estratégias que visam a conquistar mercados e espaços de influência, muitas vezes revestidas de retóricas apaziguadoras e construções ideológicas sedutoras, o nosso coração sente a necessidade de descobrir um desígnio diferente, sábio e benevolente, semelhante ao que Maria contempla no *Magnificat* [...] Este desígnio de misericórdia permeia a história também hoje, no meio de mudanças rápidas e inquietantes marcadas por algoritmos e redes globais, e torna-se a bússola para uma existência evangélica na era digital (MH 230).

Nas promessas do transumanismo e de algumas correntes pós-humanistas, que aspiram a uma humanidade aperfeiçoada e quase desencarnada, reconhecemos um desejo que nos diz respeito: a necessidade de uma vida mais plena, menos exposta à fragilidade e ao sofrimento. A Encarnação abre, porém, um caminho diferente. Enquanto ideologias antigas e novas impelem o homem a superar tecnicamente os limites e a elevar-se acima dos outros para afirmar um domínio, o mistério do Filho de Deus que entra na nossa condição narra um movimento oposto: o Deus vivo desce à nossa história para nos libertar de toda a forma de escravidão, toma sobre si a nossa fraqueza e transforma-a em um lugar de salvação. Não há circunstância ou condição humana que não seja digna de Deus [...] O que salva o homem é o amor divino que desce ao ponto mais vulnerável da sua história e a regenera profundamente (MH 232).

Por isso, como fiel entre os fiéis, convido a contemplar no rosto do Filho uma *magnífica humanidade* que ilumina também a era da IA. Em Cristo, compreendemos que o homem é chamado a ser colaborador com a obra da criação, em vez de espectador resignado de processos tecnológicos que restringem a sua liberdade e responsabilidade. A dignidade que o Espírito Santo grava em cada um de nós reconhece-se também na capacidade de refletir de modo crítico, de escolher e de amar gratuitamente, de estabelecer relações autênticas. Nenhum sistema de cálculo, por mais sofisticado que seja, gera um coração que se entrega ou uma consciência que discerne o bem. Mesmo quando as máquinas se destacam pela eficiência, o centro da história continua a ser um rosto humano que pede para ser olhado. Este rosto humano é a plenitude para a qual caminha a história (MH 233).

A caridade nos une em um único corpo eclesial. A espiritualidade de que necessitamos é uma espiritualidade eucarística, ou seja, uma espiritualidade da unidade eclesial no amor. A Encarnação e a Páscoa revelam Deus que entra na nossa condição humana e a transfigura no dom de si mesmo. Este dom continua presente e operante na Eucaristia, na qual o Senhor se comunica e reúne a Igreja, para que a sua oferta se torne princípio de unidade e fonte de vida nova. Dessa comunhão nasce também a solidariedade cristã, pois “a união com Cristo é, ao mesmo tempo, união com todos os outros aos quais Ele Se entrega” (*Deus caritas est*, DCE 14) (MH 234).

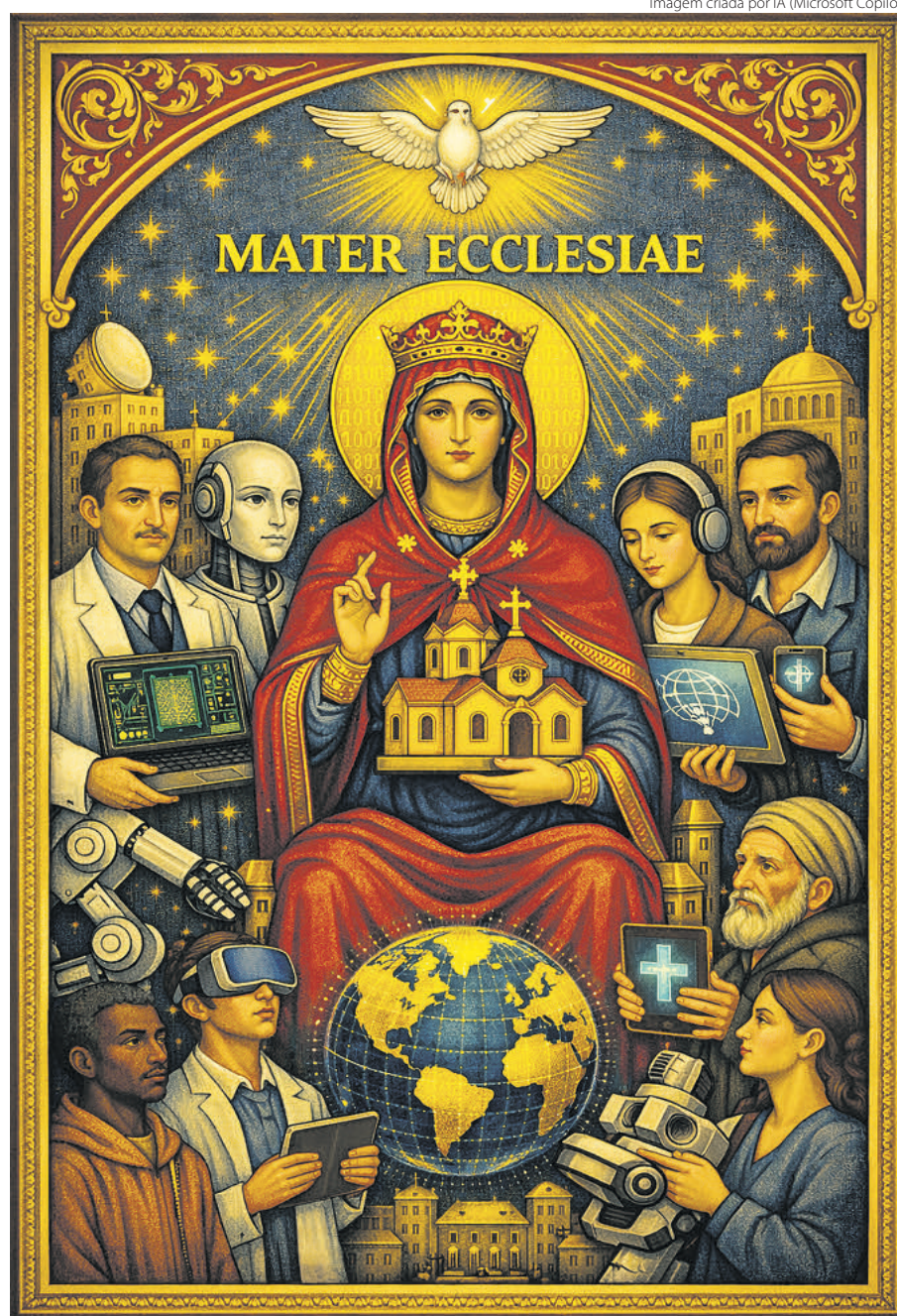
O Corpo que comungamos e o Sangue que bebemos dão forma a toda a nossa vida. [...] Em Cristo, apesar de muitos e diferentes, somos uma só coisa: *In Illo uno unum*. A Eucaristia abre-nos à justiça e à partilha, com uma atenção preferencial para com quem carrega o fardo da pobreza e da marginalização. Enquanto as novas redes econômicas e tecnológicas podem gerar exclusão, isolamento e dependências, a Igreja alimentada pela Eucaristia é chamada a mostrar outro critério, preservando os vínculos, devolvendo voz aos silenciados e orientando os processos para a dignidade das pessoas (MH 235).

A esperança sustenta a nossa ação no mundo. A espiritualidade que desejo transmitir é a do “sábio arquiteto” que, animado pela esperança do Reino de Deus, se dedica a construir o mundo no bem (cf. 1 Cor 3, 10) [...] Hoje, a nossa construção deve ter como fundamento a relação com Deus; como regra, a aceitação do limite humano

como algo natural e positivo; como estilo, a corresponsabilidade e a linguagem evangélica. No final do percurso, o projeto de uma civilização do amor delineia-se mais claramente e a construção parece estar já em andamento, sobretudo graças às muitas pedras vivas firmemente unidas a Cristo, a pedra angular (cf. 1 Pe 2,4-6). Nesta obra, somos chamados a assumir um papel ativo, sem nos refugiarmos no espiritualismo ou nos nossos pequenos mundos: devemos ser fiéis à verdade, investir na educação, cuidar das relações, amar a justiça e a paz [...] É importante conservar um coração que ama a verdade, que deseja o que é justo mais do que conteúdos apelativos, que busca a sabedoria mais do que o impacto imediato. A verdade que não devemos perder é aquela sobre Deus e sobre o ser humano, tal como Cristo nos revelou [...] A fidelidade à verdade exige integrar as possibilidades oferecidas pela técnica em um caminho de sabedoria, capaz de salvaguardar simultaneamente a dignidade de cada pessoa e o futuro da nossa casa comum (MH 236-237).

[... Temos] a vocação de ser, na era da transformação digital, não resignados espectadores das fraturas sociais e culturais, nem meros analistas de ruínas, mas mulheres e homens que entram nos estaleiros da história – laboratórios de investigação, empresas tecnológicas, escolas, meios de comunicação, instituições, comunidades locais – para reconstruir o que ruuiu e proteger o que está exposto (MH 241).

A oração do Magnificat. O cântico de Maria acompanha o nosso empenho [...] A sua alma glorifica o Senhor e o seu espírito exulta em Deus, seu Salvador, porque Ele escolheu para o seu desígnio de salvação uma jovem, pobre e humilde. Maria vê toda a história com os olhos desta descoberta. Nada mudou à sua volta: a situação sociopolítica da sua época permanece a mesma, com os romanos a dominarem a sua terra e o seu povo dividido e humilhado. No entanto, tudo mudou dentro dela, e isso permite-lhe ver o invisível. Deus já manifestou o poder do seu braço, já dispersou os soberbos, derrubou os poderosos, exaltou os humildes, encheu de bens os famintos e despediu os ricos de mãos vazias. Ele já socorreu Israel, seu servo [...] Com a mesma fé de Maria, tornemo-nos tecelões de esperança no nosso mundo, partilhando o que somos e o que temos, de modo que a presença de Jesus cresça entre nós e o seu Reino tome forma. Na humilde fidelidade de cada dia, também a era da IA pode tornar-se uma etapa em que o Espírito faz amadurecer a civilização do amor na nossa vida (MH 243-245).



Atendidos por pastorais e movimentos da Arquidiocese prestigiam o espetáculo imersivo *Luminiscence*

ROSEANE WELTER
ESPECIAL PARA O SÃO PAULO

“Já dormi nas escadarias da Catedral da Sé e nas ruas aqui do entorno, no Parque Dom Pedro e na Mooca. Hoje, recuperado pela Missão Belém, entro na Catedral como um filho recuperado para assistir a este espetáculo de fé, canção e luzes, que resgata a história da Catedral e a minha história”, recordou, emocionado, Erivan Souza da Silva, 35, hoje responsável pelo acolhimento na unidade Vila Nova Sé da Missão Belém.

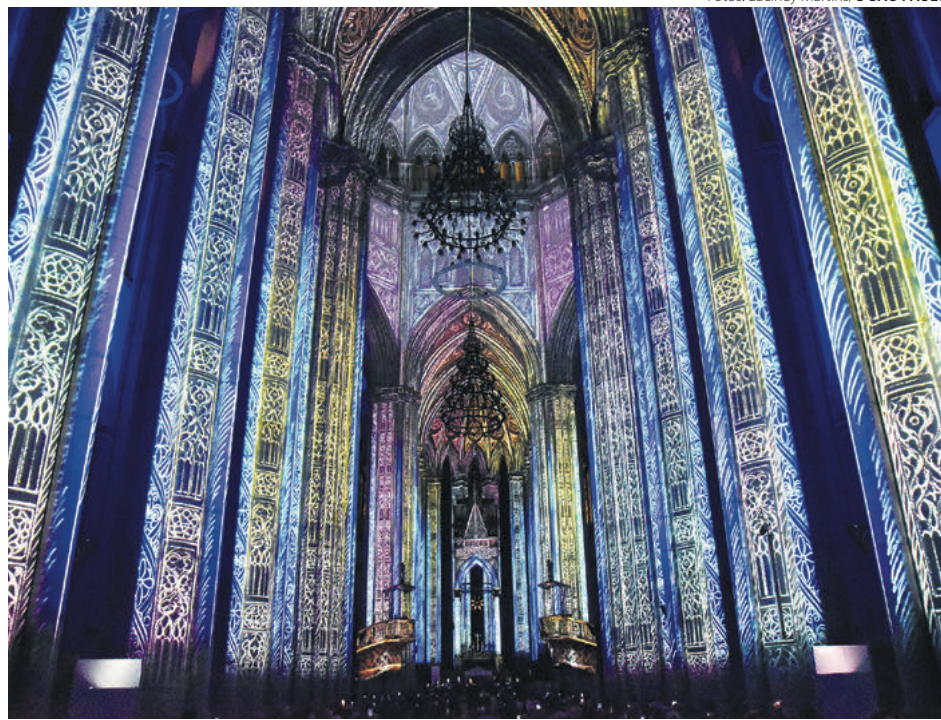
Assim como Erivan, 670 pessoas ligadas aos movimentos e pastorais da Arquidiocese de São Paulo, como a Missão Belém, Arsenal da Esperança, Pastoral do Menor, Pastoral da Criança, além de seminaristas e integrantes de outras iniciativas sociais vinculadas à Igreja, prestigiaram o espetáculo imersivo *Luminiscence* – Luzes de São Paulo, na noite da quinta-feira, 28 de maio.

A ação integra a expansão da Endemol Shine Brasil no segmento de entretenimento ao vivo e experiências imersivas, em parceria com a produtora internacional Lotchi. Desde a estreia, em janeiro, mais de 75 mil pessoas já visitaram a atração.

CULTURA, ESPIRITUALIDADE E ACOLHIMENTO

Silêncio, músicas e projeções de luzes e imagens. Fé, arte e cultura. Concebido como uma experiência narrativa, o *Luminiscence* vai além de um espetáculo visual. A Catedral da Sé não é apenas cenário, mas a própria protagonista da história apresentada. As projeções dialogam diretamente com colunas, vitrais e abóbadas, respeitando a arquitetura neogótica e valorizando elementos que compõem a identidade do templo.

Criado na França e apresentado pela primeira vez no Brasil, o espetáculo utiliza projeções monumentais em 360 graus, iluminação cênica e música ao vivo para conduzir o público por uma viagem pela história da Catedral da Sé e da própria cidade. A narrativa percorre desde a fundação da primeira igreja matriz de São Paulo, no século XVI, até a construção da atual catedral, destacando elementos arquitetônicos, históricos e



Fotos: Luciney Martins/O SÃO PAULO

religiosos do templo.

Fernanda Abreu, vice-presidente de Entretenimento da Endemol Shine Brasil, explicou que o projeto integra uma iniciativa internacional que já percorreu catedrais pelo mundo: “O Brasil foi o primeiro país da América Latina a receber o espetáculo, e São Paulo foi escolhida para sediar essa estreia. As pessoas encontram aqui uma experiência cultural muito rica, que une tecnologia, história, música e espiritualidade, impactando todos os sentidos”.

Inicialmente prevista para terminar em abril, a exposição permanecerá em cartaz até 5 de julho: “Esperamos que *Luminiscence* leve os espectadores a um novo olhar sobre os monumentos sagrados, criando vínculo emocional, de memória e sensorial único. Quase todas as sessões tiveram lotação máxima. Tivemos visitantes de todas as idades e perfis. A procura continua muito grande, por isso conseguimos negociar essa

extensão até julho”.

Fernando Meli, gerente administrativo da Catedral da Sé, destacou que o espetáculo ganhou características próprias ao ser adaptado para a realidade brasileira. “A Catedral narra a si mesma. O público conhece a antiga Sé, a fundação da cidade, a construção da Catedral e diversas curiosidades sobre sua história. Há também um capítulo especial dedicado à natureza brasileira, com referências à fauna e à flora presentes na decoração do templo e inspirado na encíclica *Laudato si'*, do Papa Francisco”, explicou, destacando que a alta procura motivou a extensão da exposição.

A MÚSICA QUE COMPLETA A EXPERIÊNCIA

A imersão sonora do espetáculo se dá a partir das vozes da *São Paulo Schola Cantorum*, sob a direção do Maestro Delphim Rezende Porto: “O repertório mescla música sacra e clássica e acom-

panha a própria narrativa da Catedral. Quem assiste percebe que é o templo contando sua própria história”.

“Quando você entra em uma igreja sem música, a experiência está incompleta. A música preenche o espaço e ajuda as pessoas a saírem daqui alimentadas não apenas pelos olhos, mas também pelo espírito. A igreja é um espaço de acolhimento e encontro, e esse projeto tem mostrado exatamente isso”, disse o maestro.

UMA NOITE DE EMOÇÃO

Fernanda Abreu destacou a importância da sessão social promovida em parceria com a Catedral da Sé: “Abrimos as portas do espetáculo gratuitamente para pessoas atendidas pelas missões e pastorais ligadas à Igreja. Foi uma noite muito emocionante para todos nós”.

Entre os convidados para a apresentação do dia 28 estiveram educadores e jovens em situação de vulnerabilidade atendidos pela Pastoral do Menor: “Muitos desses jovens talvez não tivessem outra oportunidade de conhecer a Catedral e assistir a um espetáculo como este. Proporcionar a eles essa vivência é de uma delicadeza e, também, um marco na vida que vai ficar para sempre na memória”, afirmou Sueli Camargo, coordenadora arquidiocesana desta Pastoral.

Natan Pereira de Faria, 16, aluno do curso profissionalizante do Bompar na área de gestão de microempresas, esteve pela primeira vez na Catedral da Sé: “Fiquei impressionado com a grandiosidade do templo. Foi um *show* de história, luzes e canções”.

“A exposição demonstra a capacidade da Igreja em promover o encontro entre diferentes realidades por meio de ações gratuitas que unem fé, acolhida, cultura e arte”, observou Gianfranco Mellino, 60, representante do Arsenal da Esperança.

Marcelo Silva, 60, acolhido pelo Arsenal, está em recuperação na comunidade após enfrentar a dependência química e viver em situação de rua: “Hoje, ao contemplar a história da Catedral, lembro-me de como Deus me acolheu e colocou anjos no meu caminho para devolver minha dignidade”.

Saiba mais detalhes do espetáculo em: <https://luminiscence.com/sao-paulo>.



O MELHOR SISTEMA DE GESTÃO ECLESIAL DO BRASIL - 1987
Fortalecendo dioceses, paróquias e comunidades.

SOLUÇÕES ECLESIAIS

Financeiro
Controle Financeiro por centro de custos

Contábil
ECD, ECF

Folha de pagamento
EFD-Reinf

Gestão de Eventos
Sistema para eventos, quermesses, festas juninas etc.

Orgdom
APP diocesano e paroquial

OrgSmart
Captura de notas fiscais eletrônicas

Conciliação bancária eletrônica

Gestão pastoral, chancelaria, controle patrimonial e tribunal

ENTRE EM CONTATO



www.orgeclesial.com.br
reinaldo@orgeclesial.com.br
@orgeclesial
Escritório Franca
Rua Minas Gerais, 2041, Vila Aparecida Franca SP
16 99275-1899
16 2103-6166
Escritório São Paulo
Av. Paulista, 765, 7 Andar, Bela Vista São Paulo SP
16 99266-8613
11 2450-7344

Cuba

Diante da situação precária do país, Igreja presta assistência humanitária à população

JOSÉ FERREIRA FILHO
osaopaulo@uol.com.br

Dom Marcelo González Amador, Presidente da Conferência Episcopal Cubana, expressou profunda preocupação com o agravamento da crise em seu país. Ele afirmou que muitas pessoas chegam às paróquias famintas e desesperadas por ajuda, uma vez que passam dias sem comer e frequentemente desmaiam durante as celebrações religiosas devido à fome.

“Tudo é uma luta pela sobrevivência. O presente é precário; o futuro, totalmente incerto.” É “o momento mais difícil e triste da história do meu povo que já testemunhei”, disse ele.

Descrivendo Cuba como um país “em sofrimento”, Dom Marcelo sublinhou que o cotidiano se tornou uma luta pela sobrevivência em meio à grave escassez de alimentos, eletricidade, água e suprimentos médicos.

Os frequentes cortes de energia elétrica interromperam a adoração eucarística noturna em muitos lugares e contribuíram para o aumento de roubos. Apesar das dificuldades, o Bispo afirmou que a Igreja continua a oferecer esperança, acompanhamento e assistência humanitária.

Entre os fiéis, “estão surgindo iniciativas para ajudar aqueles que



Shalom World News

vivem na miséria, os mais pobres e necessitados; entre elas, pequenos refeitórios comunitários e serviços de entrega de refeições para pessoas com deficiência física e doentes acamados. As pessoas estão conseguindo comida e recursos do nada”, afirmou.

O Bispo relatou que em um refeitório para mais de 300 pessoas, religiosas tiveram de improvisar, misturando “latas de feijão preto e branco para conseguir servir mais pessoas. Todos veem que a Igreja está compartilhando, que dá o que tem, o que

é uma prova evidente do que a providência de Deus e a caridade cristã são capazes de fazer”.

“Embora muitas pessoas estejam deixando a ilha, a Igreja permanece; o povo reconhece e aprecia essa escolha”, concluiu Dom Marcelo, pedindo que Cuba não seja esquecida. Além da oração, o Bispo afirmou que, embora “nem tudo possa ser resolvido, qualquer ajuda é bem-vinda. O povo de Cuba está sofrendo, e a Igreja faz parte desse povo”.

Fontes: Shalom World News e National Catholic Register

Nigéria

Voltado aos jovens, novo programa de evangelização busca formar missionários digitais

A Igreja Católica na Nigéria lançou uma iniciativa com o objetivo de formar jovens como evangelizadores, missionários digitais e cidadãos responsáveis, em um momento em que líderes da Igreja expressam crescente preocupação com o declínio dos valores entre a juventude do país e sentem a necessidade de responder aos problemas morais e sociais que a afetam.

O Padre Idoko Boniface Idoko, Animador Nacional da Juventude, lamentou o que descreveu como a erosão de valores aprendidos em boas escolas e nas famílias, afirmando que alguns comportamentos observados entre os jovens levantam sérias questões sobre a eficácia da formação moral na sociedade.

“Na maioria das vezes, vemos jovens se comportando de maneiras que nos fazem questionar se isso é humano. E o esforço da Igreja para garantir que a humanidade seja protegida de todas as formas de mal não pode ser sustentado apenas pelo empenho dos ministros ordenados, pois é uma missão confiada a todos os cristãos batizados”, sublinhou o Sacerdote.



ACI África

O programa está atualmente treinando cerca de 100 membros do Serviço Nacional da Juventude, que devem se tornar pioneiros de um movimento que se espalhará pelas dioceses e estados do país. O conteúdo apresentado engloba nova evangelização, trabalho missionário de base, alfabetização midiática e uso responsável da tecnologia.

Reconhecendo a crescente influência das plataformas digitais sobre os jovens, o Padre Idoko afirmou que a Igreja deve se engajar nos espaços em que os jovens passam

grande parte do seu tempo.

“O universo dos jovens não se restringe a este mundo físico; eles vivem cada vez mais no espaço da internet, no espaço da mídia. Esse é o seu novo lar e, por isso, queremos ensiná-los a usar a tecnologia para evangelizar como cristãos”, disse.

O Sacerdote observou que iniciativas como esta são necessárias para reconstruir a confiança moral dos jovens e canalizar sua energia para a fé, o desenvolvimento nacional e a cidadania responsável.

Fonte: ACI África

Liturgia e Vida

‘Quero misericórdia’

10º DOMINGO DO TEMPO COMUM
7 DE JUNHO DE 2026

PADRE JOÃO BECHARA VENTURA

Fixando o olhar sobre Mateus na coletoria de impostos, Jesus o chamou à conversão e a ser discípulo: ‘Segue-me!’ (Mt 9,9). O publicano não hesitou em aceitar o convite. Provavelmente, já havia presenciado as pregações do Mestre, cujas palavras cheias de verdade e de caridade ecoavam na sua consciência. Bastou apenas um convite explícito para que Mateus finalmente permitisse que Deus conduzisse a sua existência. ‘Segue-me!’... E eis que se iniciou um percurso repleto de felicidade, entrega e, principalmente, da graça de Deus, que faria de Levi um apóstolo, um evangelista, um mártir e um santo.

A simplicidade do relato feito pelo próprio Mateus deve interpelar também a nós. Mesmo em um mundo que volta a ser pagão, muitas pessoas estão abertas e, no fundo, desejosas do chamado de Deus! A quantos Jesus tem preparado há anos ou mesmo décadas, dotando-os de qualidades naturais, de boa vontade e, acima de tudo, concedendo-lhes graças especiais em vista de sua própria conversão, de uma vocação e da felicidade eterna! Tantos ainda vivem “sem esperança e sem Deus no mundo” (Ef 2,12) e necessitam somente que alguém lhes olhe nos olhos com sinceridade e bondade de cristão e diga: ‘Siga o Senhor!’, ‘Abraça esta vocação’, ‘Coragem!’

A que se deve nossa falta de audácia para propor ao próximo a fé em Cristo, uma determinada vocação ou as exigências morais do Evangelho? Talvez tenhamos pouca fé e pouca coerência de vida, o que nos leva a paralisar-nos, receosos. Ou, quem sabe, sejamos retidos pelos respeitos humanos, pela vaidade, pelo medo de ‘levar um fora’ e parecer intrusivo. Mas pode ser, também, que, além das razões (irracionais) acima, falte-nos sobretudo compaixão. A misericórdia foi uma das grandes forças que moveram Nosso Salvador neste mundo. Por ela, Jesus ensinou, fez milagres, sofreu, gastou-se e aceitou a Morte de Cruz, já que sabia das graves consequências do afastamento de Deus nesta vida e na eternidade.

Como o Samaritano da parábola que, por compaixão, não desviou os olhos, não temeu sujar as mãos com as feridas alheias e, menos ainda, preocupou-se com o que os demais poderiam pensar por carregar um estrangeiro estropiado em sua montaria, Jesus nunca teme chamar-nos à saúde e à conversão, nem mesmo nos períodos da vida em que estamos mais desorientados. Por isso, diante dos que se escandalizavam com o fato de que falasse com pecadores e mesmo se sentasse à mesa com eles, Jesus respondeu: “Aprendei, pois, o que significa: quero misericórdia e não sacrifício” (Mt 9,13).

A salvação havia entrado na casa de Mateus. Por meio dele, entraria também na vida de muitos outros publicanos, como, por exemplo, Zaqueu (cf. Lc 19,1ss). O futuro evangelista convidou seus amigos para conhecer o Mestre, pois teve a mesma misericórdia que o Senhor tivera com Ele. Quis dar-lhes Aquele que descobrira ser o Tesouro. Podemos nos perguntar: tenho essa mesma misericórdia? Quem espera o meu convite em nome de Jesus? Jesus é, de fato, meu tesouro? Quero compartilhá-Lo?

IPIRANGA

Encontro da Pascom regional destaca as Diretrizes sobre o Apostolado nas Mídias Digitais

KAREN EUFROSINO
COLABORAÇÃO ESPECIAL PARA A REGIÃO

As lideranças da Pastoral da Comunicação da Região Ipiranga participaram, no sábado, 30 de maio, de um encontro formativo, no *campus* Ipiranga da PUC-SP. Na ocasião, foram apresentados ao grupo o Padre José Cícero Teotônio da Silva como novo Assistente Eclesiástico regional da Pascom; Willy Oliveira, que passou a compor a coordenação da Pascom regional; e Sérgio Alvarenga, secretário pastoral da Região, que dá suporte às atividades pastorais e mídias sociais do Ipiranga.

Dom Celso Alexandre, Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Ipiranga, acolheu os participantes com a leitura do Evangelho do dia, discorrendo, na sequência, sobre a importância do “sim” dado a Deus: “Tudo que realizamos é por amor ao Evangelho; façamos com que nossos dons estejam sempre a serviço da Boa Nova, da Igreja, do Reino de Deus, a exemplo do próprio Cristo Jesus”.

A formação ficou a cargo do jornalista Fernando Geronazzo, assessor de imprensa da Arquidiocese, que abordou os principais pontos das *Diretrizes Gerais da Arquidiocese de São Paulo*



Felipe Santos

sobre o *Apostolado nas Mídias Digitais*, documento elaborado pelo Vicariato Episcopal para a Pastoral da Comunicação que trata dos diversos aspectos das mídias, destacando suas possibi-

lidades e, em especial, os cuidados e o zelo pastoral que devem ser observados no uso das ferramentas e dos meios na formação do povo de Deus e disseminação de informações.



Pascom paroquial

Em missa no sábado, 30 de maio, Dom Celso Alexandre, Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Ipiranga, conferiu o sacramento da Crisma a sete adultos na **Paróquia Nossa Senhora da Esperança**, Decanato São Mateus. Concelebrou o Padre Uilson dos Santos, Pároco. **(por Karen Eufrosino)**

Após a realização de novena preparatória e do Cerco de Jericó, foi encerrada a festa patronal da **Paróquia Nossa Senhora Mãe de Jesus**, Decanato Santo André, no domingo, 31 de maio, com a missa presidida pelo Padre Carlos Eduardo Cavallieri, SJS, Pároco, e concelebrada pelo Padre Carlos Gabriel (Eduardo) dos Santos Freitas, SJS, Vigário Paroquial. Na ocasião, aconteceu a coroação da imagem de Nossa Senhora. Além da festa religiosa, nos 23 e 24, 30 e 31 de maio, houve a festa social. **(por Karen Eufrosino)**



Pascom paroquial

Dom Celso Alexandre presidiu duas missas no domingo, 31 de maio, na **Paróquia São João Clímaco**, Decanato Santo André. Pela manhã, conferiu o sacramento da Confirmação a 59 jovens; e, à noite, 37 adultos também foram crismados. O Padre Antônio de Lisboa Lustosa Lopes, Pároco, concelebrou as duas missas, e o Padre Alisson Nascimento de Freitas, formador na Diocese de Mogi das Cruzes (SP), foi concelebrante pela manhã. Em ambas, a assistência foi do Diácono Walmir Cardoso dos Santos. **(por Karen Eufrosino)**

No domingo, 31 de maio, ocorreu a consagração dos membros da Infância e Adolescência Missionária (IAM) da **Paróquia Nossa Senhora de Sião**, Decanato São Marcos, após um ano de caminhada preparatória. A missa foi presidida pelo Padre Maércio Ângelo Pissinatti Filho, Pároco. A consagração é uma forma de as crianças e adolescentes assumirem pública e solenemente a decisão de serem missionários, dispostos a colaborar para que o público infanto-juvenil do mundo conheçam Jesus e O amem. **(por Karen Eufrosino)**

Livraria Loyola
sempre um bom livro para você **.com.br**

Loja Senador

R. Senador Feijó, 120 - Centro
São Paulo, SP - CEP 01006-000
WhatsApp (11) 97206-5764
lojasenador03@livrarialoyola.com.br

Loja Quintino

R. Quintino Bocaiúva, 234 - Centro
São Paulo, SP - CEP 01004-010
WhatsApp (11) 95395-8927
lojaquintino05@livrarialoyola.com.br

Loja Santos

R. Padre Visconti, 08 - Embaré
Santos, SP - CEP 110040-150
WhatsApp (11) 97206-5764
lojasantos04@livrarialoyola.com.br

Loja Campinas

R. Barão de Jaguara, 1389 - Centro
Campinas, SP - CEP 13015-002
WhatsApp (19) 3236-3567
lojacampinas03@livrarialoyola.com.br

A livraria mais completa do Brasil em
livros e artigos católicos

Mais de um milhão
de cópias vendidas



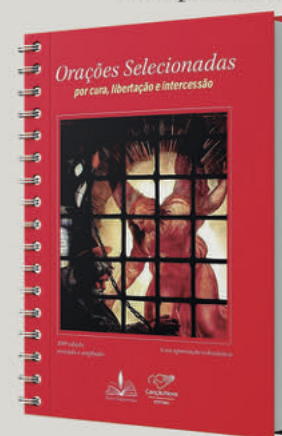
SÃO PIER FRASSATI
De: R\$ 34,00
POR: R\$ 27,90



A DIVINA EUCHARISTIA
De: R\$ 182,00
POR: R\$ 145,60



O SANTO ROSÁRIO
R\$ 39,90



ORAÇÕES SELECIONADAS
De: R\$ 26,00
POR: R\$ 21,50

Para pedidos ligue: (11) 3105-7198 / 98459-5171 ou acesse: www.livrarialoyola.com.br



BELÉM

Dom Cícero Alves de França realiza visita pastoral à Paróquia São Gaspar Bertoni

FERNANDO ARTHUR
COLABORAÇÃO ESPECIAL PARA A REGIÃO

Entre os dias 28 e 31 de maio, Dom Cícero Alves de França realizou visita pastoral à Paróquia São Gaspar Bertoni, Decanato Sant'Ana e São Joaquim, sendo acompanhado durante as atividades pelo Padre Vidal Valentín Cantero Zapattini, CSS, Pároco e Decano, e pelo Padre Patrik Bruno Furquim, CSS, Vigário Paroquial.

A programação teve início na noite de quinta-feira, 28, com a missa presidida pelo Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Belém, após a qual houve um momento de confraternização para acolher o Episcopo.

Ao longo da sexta-feira, 29, Dom Cícero visitou os lares de paroquianos idosos e enfermos, ocasião em que ouviu as famílias, ofereceu palavras de fé e esperança, e concedeu a bênção. A agenda do dia também contemplou a conferência dos livros paroquiais, sendo encerrada na Comunidade Nossa Senhora Aparecida, com a missa, se-



Fotos: Pascom paroquial

guida de uma reunião com os membros do Conselho Administrativo e Econômico Paroquial (Caep).

Na manhã de sábado, 30, o Bispo e os dois sacerdotes realizaram uma visita institucional às instalações da Petroquímica Cabot, empresa fundada em 1976 e que é parceira e benfeitora da Paróquia, contribuindo regularmente para a manutenção de suas obras e ações sociais. Logo depois, Dom Cícero foi à Capela Nossa

Senhora Aparecida para participar da Celebração da Vida, organizada pela Pastoral da Criança, seguida de um momento de partilha e do almoço festivo com as crianças assistidas.

Na tarde do sábado, o Bispo Auxiliar esteve com as crianças da Catequese, que tiraram dúvidas diversas e compreenderam melhor a vocação, a vida e a missão de um bispo na Igreja. Na sequência, reuniu-se com os jovens para um profícuo diálogo sobre

os desafios enfrentados pela juventude na sociedade contemporânea e o discernimento vocacional. Por fim, presidiu missa na Comunidade Maria, Mãe dos Migrantes, após a qual participou da reunião do Conselho Paroquial de Pastoral (CPP).

O encerramento da visita pastoral ocorreu com a missa na manhã de domingo, 31, na matriz paroquial, presidida por Dom Cícero e concelebrada pelos Padres Vidal e Patrik.



Pascom paroquial

Dom Cícero Alves de França presidiu missa na memória litúrgica do padroeiro da **Paróquia São Filipe Néri**, Decanato Santa Maria Madalena, em 26 de maio. Concelebraram sacerdotes da Congregação do Oratório, entre eles o Padre Josivaldo Barreto, CO, Pároco.

(por Pascom paroquial)

EDITAL DE CONVOCAÇÃO

A **FUNDAÇÃO CAPELLA MENINO JESUS E SANTA LUZIA**, CNPJ/MF nº 56.462.237/0001-49, nos termos do artigo 7º, primeira parte, do Estatuto alterado e consolidado em 16.12.2003, livro nº 1485, fls. nº 025, 27º Tabelião de Notas da Capital-SP, convoca os membros da sua Diretoria para a Assembleia Geral Ordinária a realizar-se em sua sede, na Avenida Higienópolis nº 890, sala 12, São Paulo, SP, na data de **18 de junho de 2026**, às **15:00 horas**, em primeira chamada, com pelo menos 2/3 dos membros da sua Diretoria presentes; e, às **15:30 horas**, em segunda chamada, com os membros da sua Diretoria que estiverem presentes. A Assembleia Geral Ordinária terá como pauta: 1 – Apresentação, apreciação e aprovação do Balanço Geral do exercício de 2025 da Fundação Capella Menino Jesus e Santa Luzia; 2- Outros assuntos.

São Paulo, 01 de junho de 2026.
Presidente da Fundação Capella Menino Jesus e Santa Luzia.

Dom Odilo Pedro Scherer
Presidente
Fundação Capella Menino Jesus e Santa Luzia



Pascom paroquial

Na noite do domingo, 31 de maio, Dom Cícero Alves de França presidiu missa na **Paróquia Santíssima Trindade**, Decanato Sant'Ana e São Joaquim, na Solenidade da Santíssima Trindade. Concelebrou o Padre Gerson de França, Pároco. Ao final, o Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Belém abençoou a imagem de Nossa Senhora Aparecida, que foi colocada em um nicho na porta da igreja.

(por Fernando Arthur)



Renata J. Silva

Em 27 de maio, Dom Cícero Alves de França presidiu a missa do 6º dia da novena em honra à padroeira da **Paróquia Nossa Senhora do Sagrado Coração**, Decanato São Lucas, tendo como concelebrantes sacerdotes da Congregação dos Missionários do Sagrado Coração, entre eles o Padre Girley Reis, MSC, Pároco. A festividade foi encerrada no domingo, 31, com uma extensa programação de orações, apresentações musicais e missas, sendo a celebração solene presidida por Dom Valentim Menezes, MSC, Bispo de Balsas (MA).

(por Fernando Arthur)

BRASILÂNDIA

Dom Carlos Silva: 'A Trindade é o amor vivido, partilhado, que se transforma em serviço'

BEATRIZ MOREIRA
COLABORAÇÃO ESPECIAL PARA A REGIÃO

Dom Carlos Silva, OFMCap., presidiu a missa do sétimo dia da novena da festa da Paróquia Santíssima Trindade, Decanato São Barnabé, na quinta-feira, 28 de maio, ocasião em que também apresentou o Padre Matheus Amobi Egwuenu, CSSp., como Vigário Paroquial.

Inspirado pelo tema "A Trindade e os Pobres", o Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Brasilândia destacou que a Santíssima Trindade "não é apenas uma ideia distante, um mistério para ser estudado. A Trindade é o amor vivido, partilhado, que se transforma em serviço".



Beatriz Moreira

Dom Carlos enfatizou que os cristãos anunciam as maravilhas de Deus quando olham os pobres, cuidam dos feridos e atuam para que ninguém passe "fome de pão, dignidade e amor. Toda vez que o bem acontece, a Trindade se manifesta". Em contrapartida, alertou: "Toda comunidade que vive fechada em

si mesma trai o rosto da Trindade e perde a comunhão".

Ao apresentar o Padre Matheus como Vigário Paroquial, o Bispo destacou a coragem do Sacerdote que, por amor a Cristo, deixou familiares na Nigéria para encontrar um novo povo e uma nova cultura.

Além do novo Vigário Paroquial (na foto à direita do Bispo) foram concelebrantes os Padres José Miguel Portillo, CSSp., Pároco; Mark Brendan Foley, CSSp., Superior Regional dos Espiritanos; Achilleus Ile, CSSp., Vigário Paroquial da Paróquia São João Batista, na Vila Mangalot; Eugene Moran, CSSp., com a assistência do Diácono Josenildo Alves da Silva e do Diácono Seminarista João Barbosa Mendes Neto, CSSp.



Marcos Rogério Lopes

No sábado, 30 de maio, na Paróquia Nossa Senhora das Dores, Decanato Santa Isabel e São Zacarias, foi realizado o **Encontro Regional da Comissão do Testemunho e da Caridade da Região Brasilândia**. Participaram do evento formativo lideranças, agentes de pastoral e membros das comunidades, que refletiram sobre o tema "Como fortalecer ou iniciar nossa Comunidade Eclesial, Grupo de Rua ou Círculo Bíblico". O Padre Erly Avelino Guillén Moscoso, Coordenador regional da Comissão do Testemunho e da Caridade, conduziu as reflexões e incentivou os participantes a fortalecerem a missão evangelizadora nos grupos que atuam.

(por Pascom paroquial)

Em 20 de maio, na Paróquia São Miguel Arcanjo, Decanato São Pedro, foi realizada a **Hora Santa Regional**. Os participantes foram recepcionados pelo Padre Natanael Pires da Silva, Pároco. Depois, o momento de oração e adoração ao Santíssimo Sacramento foi conduzido pelo Padre Otoniel Profiro de Moraes, Colaborador da Paróquia Nossa Senhora das Dores, Decanato Santa Isabel e São Zacarias.

(por Silvano Jacobino)

LAPA

Benigno Naveira



Na manhã da sexta-feira, 29 de maio, no auditório do Hospital das Irmãs Hospitaleiras, Centro Integrado de Assistência e Saúde Nossa Senhora de Fátima, em Pirituba, realizou-se a missa em ação de graças pelos 145 anos da **Congregação das Irmãs Hospitaleiras do Sagrado Coração de Jesus**, presidida por Dom Edilson de Souza Silva e concelebrada pelo Padre Admário Gama Cambraína, com a assistência do Diácono Marcelo Rego. Na homilia, o Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Lapa recordou a história da Congregação, fundada em 31 de maio de 1881, em Ciempozuelos-Madrid, na Espanha, por São Bento Menini, sacerdote da Ordem de São João de Deus, e por Maria Josefa Recio e Maria Angustias Gimenez. Dom Edilson destacou, ainda, que há mais de 40 anos as Irmãs Hospitaleiras realizam trabalhos missionários no Brasil, com acolhimento, cuidado especializado, assistência integral e reinserção social de pessoas com doenças mentais e em recuperação de dependência química.

(por Benigno Naveira)



Benigno Naveira

Dom Edilson de Souza Silva conferiu o sacramento da Crisma a nove jovens e adultos, em missa na **Paróquia Nossa Senhora Aparecida**, na Vila Beatriz, Decanato São Simão, na manhã de domingo, 31 de maio. Concelebrou o Padre José Edson Santana Barreto, Pároco.

(por Benigno Naveira)



Benigno Naveira

Em missa presidida por Dom Edilson de Souza Silva, no domingo 31 de maio, na **Paróquia São José**, no Jaguaré, Decanato São Bartolomeu, 24 jovens e adultos receberam o sacramento da Confirmação. Concelebrou o Padre José de Souza Paim, CSC, Pároco, com a assistência do Diácono Ronaldo Contin Della Nina.

(por Benigno Naveira)

No domingo, 31 de maio, Solenidade da Santíssima Trindade, foi realizada na **Paróquia Nossa Senhora Auxiliadora**, em Pirituba, Decanato São Tito, a consagração dos membros da Infância e Adolescência Missionária (IAM), em missa presidida pelo Padre Raimundo Rozimar Vieira da Silva, Pároco.

(com informações da Pascom paroquial)

No Rincão Vocacional Santo Aníbal, pertencente à **Paróquia Nossa Senhora das Graças**, no Morro Doce, Decanato São Tito, no domingo, 31 de maio, foi realizada a consagração dos membros da Infância e Adolescência Missionária (IAM), em missa presidida pelo Padre João Carlos Deschamps de Almeida, Assistente Eclesiástico regional da Pastoral da Animação Missionária.

(com informações da Pascom paroquial)

A comunidade de féis da **Paróquia Santíssima Trindade**, Vila São Domingos, Decanato São Bartolomeu, festejou no domingo, 31 de maio, a Solenidade da Santíssima Trindade com uma missa campal, presidida pelo Padre José Pedro Batista, Pároco.

(por Pascom paroquial)

SANTANA



Pascom paroquial

Na quinta-feira, 28 de maio, na **Paróquia Nossa Senhora do Loreto**, Decanato Santo Estêvão, Dom Márcio Antonio Vidal de Negreiros, OSA, presidiu missa no 2º dia do tríduo em louvor a São José Marelo, fundador da Congregação dos Oblatos de São José. Entre os concelebrantes esteve o Padre Antônio Luiz de Oliveira, Superior Provincial dos Oblatos de São José (OSJ).
(por Denilson Rabelo)



Marcelo Fagner

Na Solenidade da Santíssima Trindade, no domingo, 31 de maio, 27 jovens e adultos receberam o sacramento da Crisma na **Paróquia São Gabriel da Virgem Dolorosa**, Decanato São Matias, em missa presidida por Dom Márcio Antonio Vidal de Negreiros, OSA, e concelebrada pelo Padre Rafael Alves Pereira Vicente, Pároco, com a assistência do Diácono Moisés da Silva.
(por Marcelo Fagner)



Hilton Felix

No sábado, 30 de maio, a missa do terceiro dia do tríduo festivo da **Paróquia Santíssima Trindade**, Decanato São Judas Tadeu, foi presidida por Dom Márcio Antonio Vidal de Negreiros, OSA, e concelebrada pelo Padre Severino dos Ramos Lima Araújo, Administrador Paroquial. Na homilia, o Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Santana destacou o mistério do amor de Deus revelado na comunhão entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Também exortou que todos vivam a unidade, a fraternidade e a missão em suas famílias e comunidades.
(por Hilton Felix)



Denilson Rabelo

Dom Márcio Antonio Vidal de Negreiros, OSA, presidiu missa na tarde do sábado, 30 de maio, na memória litúrgica da padroeira da **Paróquia Santa Joana d'Arc**, Decanato Santo Estêvão. Concelebrou o Padre Antônio Bezerra Moura, Pároco, com a assistência do Diácono Gilson Crema. Na homilia, o Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Santana destacou que a Santa viveu sua missão com profunda espiritualidade, tornando-se sinal de esperança em um tempo marcado por guerras, medo e divisões. Ele tratou ainda sobre a liturgia da Santíssima Trindade, a qual revela um Deus que é comunhão, relação e amor derramado.
(por Denilson Rabelo)



Renata Giannini

Na sexta-feira, 29 de maio, Dom Márcio Antonio Vidal de Negreiros, OSA, conferiu o sacramento da Crisma a 73 adultos na **Paróquia Santa Teresinha**, Decanato São Judas Tadeu. Foram concelebrantes os Padres José Adilson Morgado, SDB, Diretor-geral da presença salesiana em Santa Teresinha, e Silvío César, SDB, Pároco, com a assistência dos Diáconos João Paulo de Souza e Darley da Silva. O Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Santana recordou aos crismandos que eles foram selados com os sete dons do Espírito Santo: Sabedoria, Entendimento, Conselho, Fortaleza, Ciência, Piedade e Temor de Deus.
(por Renata Giannini)



Marcelo Fagner

No domingo, 31 de maio, 14 jovens e adultos receberam o sacramento da Crisma em missa na **Paróquia Nossa Senhora de Fátima**, Decanato São Matias, presidida por Dom Márcio Antonio Vidal de Negreiros, OSA, e concelebrada pelo Padre Jairo dos Santos Bezerra, com a assistência do Diácono Leandro Pereira Duarte.
(por Marcelo Fagner)

EDITAL DE CONVOCAÇÃO

A FUNDAÇÃO METROPOLITANA PAULISTA, CNPJ/MF nº 50.951.847/0001-20, nos termos do artigo 8º, *caput*, primeira parte, do Estatuto alterado e consolidado em 30.03.2017, devidamente registrado sob nº 718.169, junto ao Terceiro Oficial de Registro de Títulos e Documentos da Comarca de São Paulo em 17.05.2017, convoca os membros do Conselho Curador para a Assembleia Geral Ordinária a realizar-se em sua sede, na Av. Higienópolis nº 890, sala 16, São Paulo, SP, na data de 22 de junho de 2026, às 14:00 horas, em primeira chamada, com todos os membros do Conselho Curador; e, às 14:30 horas, em segunda chamada, com os membros do Conselho Curador que estiverem presentes. A Assembleia Geral Ordinária terá como pauta: 1 – Apresentação, apreciação e aprovação do Balanço Geral do exercício de 2025 da Fundação Metropolitana Paulista, nos termos do artigo 9º, alínea “d”, e artigo 24, parágrafo segundo, todos do Estatuto vigente; 2- Assuntos ordinários dos Órgãos de Serviços (art. 10, § 2º, estatuto); 3- Outros assuntos.

São Paulo, 01 de junho de 2026.
Presidente da Fundação Metropolitana Paulista.
Dom Odilo Pedro Scherer
Fundação Metropolitana Paulista

EDITAL DE CONVOCAÇÃO

Pelo presente edital, fica convocado o (a) Sr. (a) **LINDOELSO SOUZA ALENCAR, (PARTE DEMANDADA)**, com endereço desconhecido, para que compareça de terça a sexta-feira, das 13h às 16h, ao Tribunal Eclesiástico Interdiocesano de São Paulo, sito na Av. Nazaré, 993 – Ipiranga – São Paulo – SP, para tratar de assuntos que lhe dizem respeito.

São Paulo, 03 de junho de 2026.
Dom Rogério Augusto das Neves
Vigário Judicial

SÉ



Pascom paroquial

No domingo, 31 de maio, na **Paróquia Santo Agostinho**, Decanato São Tiago de Alfeu, foi celebrada a reativação da Arquiconfraria de Nossa Senhora da Consolação e da Sagrada Correia, associação de fiéis ligada à espiritualidade agostiniana e erigida em 1904. A missa foi presidida pelo Frei Mário Sérgio Rocha, OSA, Pároco, tendo entre os concelebrantes o Frei João Marcos Borba, OSA. Na ocasião, os novos membros assumiram o compromisso de testemunhar a fé cristã, inspirados pelo exemplo de Maria e seguindo o carisma de Santo Agostinho. A devoção tem suas raízes na tradição agostiniana, que recorda a entrega da Sagrada Correia a Santa Mônica como sinal de consolo e proteção em suas orações pela conversão de seu filho, Santo Agostinho.

(por Secretariado de Comunicação Regional)



Paróquia Nossa Senhora de Casaluce

Entre os dias 27 e 29 de maio, foi realizado o tríduo preparatório da festa da padroeira da **Paróquia Nossa Senhora de Casaluce**, Decanato São Paulo. A programação religiosa foi concluída no domingo, 31, com a missa solene presidida pelo Padre Simone Bernardi, Colaborador Paroquial, e a tradicional procissão pelas ruas do bairro, seguida da coroação da imagem mariana. As festividades integraram a tradicional Festa Italiana de Casaluce.

(por Paróquia Nossa Senhora de Casaluce)



Pascom paroquial

Em reconhecimento por seus trabalhos dedicados à comunidade afro-brasileira, especialmente durante sua atuação como secretário da Pastoral Afro do Brasil, o **Padre José Enes de Jesus**, Pároco da Paróquia Nossa Senhora da Assunção e São Paulo e da Paróquia Pessoal Nipo-Brasileira de São Gonçalo, Decanato São João Evangelista, foi homenageado, em 26 de maio, no *campus* Guarulhos da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp).

(por Pascom paroquial)

Em 23 de maio, a Paróquia Santa Margarida Maria, Decanato São Tiago de Alfeu, sediou um encontro de formação da **Rede Mundial de Oração do Papa (Apostolado da Oração)** da Região Episcopal Sé, assessorada pelo Padre Eliomar Ribeiro, SJ, Diretor Nacional do Apostolado da Oração. Membros dos grupos da Região tiveram uma manhã de espiritualidade, reflexão e aprofundamento sobre a missão de rezar com as intenções do Santo Padre e testemunhar a devoção ao Sagrado Coração de Jesus.

(por Pascom paroquial)

Em *Corpus Christi*, a Igreja celebra o mistério da presença de Cristo na Eucaristia

FERNANDO GERONAZZO
ESPECIAL PARA O SÃO PAULO

fé em Cristo, que permanece presente e atuante na história.

Na quinta-feira, 4, a Igreja Católica celebra a Solenidade do Santíssimo Corpo e Sangue de Cristo, tradicionalmente conhecida como *Corpus Christi*.

Celebrada sempre na quinta-feira seguinte à Solenidade da Santíssima Trindade, *Corpus Christi* convida os fiéis a contemplarem a Eucaristia, sacramento que ocupa o centro da vida da Igreja e alimenta a caminhada do povo de Deus ao longo dos séculos.

Em muitas cidades, a celebração é marcada por procissões e manifestações públicas de fé, frequentemente acompanhadas da tradicional confecção de tapetes ornamentais. Essas expressões de piedade manifestam a devoção dos católicos ao Santíssimo Sacramento e recordam que a Eucaristia permanece como o maior tesouro espiritual confiado por Cristo à sua Igreja.

O Concílio Vaticano II definiu a Eucaristia como “fonte e ápice de toda a vida cristã” (*Lumen gentium* 11). Dela brota a força que sustenta a missão evangelizadora da Igreja e para ela converge toda a vida de fé dos cristãos. Na celebração da missa, a comunidade reunida participa do mistério pascal de Cristo, tornando-se contemporânea do acontecimento central da salvação.

Instituída por Jesus Cristo na Última Ceia, a Eucaristia perpetua na Igreja o mistério da Paixão, Morte e Ressurreição do Senhor. Como ensinou São João Paulo II na encíclica *Ecclesia de Eucharistia*, quando este sacramento é celebrado, torna-se presente o acontecimento central da salvação e realiza-se a obra da redenção. Por isso, a celebração da missa constitui a fonte permanente da renovação espiritual da Igreja e dos fiéis.

HISTÓRIA

A origem de *Corpus Christi* remonta ao século XIII. Em 1247, na cidade de Liège, na atual Bélgica, teve início uma celebração dedicada ao Santíssimo Sacramento, em um contexto de crescente desenvolvimento da espiritualidade eucarística. Foi também naquela época que aconteceram as primeiras procissões eucarísticas pelas ruas, tradição que se difundiu posteriormente por toda a Igreja.

Reconhecendo a importância dessa devoção para a vida cristã, o Papa Urbano IV instituiu oficialmente, em 1264, a Festa de *Corpus Christi*. Com o passar do tempo, a celebração adquiriu caráter universal, tornando-se uma das solenidades mais significativas do calendário litúrgico católico e uma ocasião privilegiada para a profissão pública da fé na Eucaristia.

Por meio das procissões e demais manifestações de piedade eucarística, os fiéis são convidados a testemunhar sua fé e a renovar a adesão a Cristo. Ao acompanhar o Santíssimo Sacramento pelas ruas, a comunidade cristã proclama sua

MISTÉRIO DA FÉ

No coração da celebração de *Corpus Christi* está a fé da Igreja na Eucaristia. Conforme a doutrina católica, pelas palavras de Cristo na Última Ceia e pela ação do Espírito Santo na celebração da missa, o pão e o vinho consagrados tornam-se verdadeira e substancialmente o Corpo e o Sangue do Senhor.

Por essa razão, a Igreja não vê a Eucaristia como um simples símbolo ou recordação, mas como a presença sacramental de Cristo no meio do seu povo. Desde os primeiros séculos do Cristianismo, essa fé sustenta a espiritualidade dos fiéis e inspira diversas formas de culto e veneração ao Santíssimo Sacramento.

A presença de Cristo na Eucaristia não se encerra com a celebração da missa. Por isso, a Igreja conserva as espécies consagradas nos sacrários e incentiva os momentos de adoração e oração diante do Santíssimo Sacramento. A visita ao sacrário constitui uma oportunidade privilegiada de encontro pessoal com Jesus e de aprofundamento da comunhão com toda a Igreja.

Em *Corpus Christi*, essa dimensão torna-se particularmente visível. Ao levar solenemente a Eucaristia pelas ruas, a Igreja manifesta sua fé diante do mundo e rende honra Àquele que reconhece como Senhor da história e Salvador da humanidade.

SACRAMENTO DE COMUNHÃO

A comunhão eucarística constitui o ponto culminante da participação dos fiéis na Santa Missa. Ao receber o Corpo de Cristo, o cristão fortalece sua união com o Senhor e recebe alimento para perseverar na vida de fé.

A Eucaristia possui também uma profunda dimensão comunitária. Como ensina o apóstolo São Paulo, os muitos participantes do único pão formam um só corpo. Por isso, além de alimentar a vida espiritual de cada fiel, ela fortalece os vínculos de comunhão que constituem a própria Igreja.

A tradição cristã sempre destacou os frutos espirituais da comunhão eucarística. Ao participar da mesa do Senhor, os fiéis renovam sua amizade com Deus, fortalecem a graça recebida no Batismo e encontram auxílio para enfrentar os desafios da vida cotidiana. A Eucaristia também impulsiona à caridade, levando os cristãos a reconhecerem Cristo nos irmãos e a se colocarem a serviço dos mais necessitados.

Ao longo dos séculos, santos, teólogos e pastores ressaltaram o papel transformador da Eucaristia na vida cristã. Santo Tomás de Aquino afirmava que seu efeito próprio é transformar o homem em Cristo. Assim, a Comunhão não é apenas um ato de devoção individual, mas uma participação no mistério que une toda a Igreja em torno do mesmo Senhor.

Leão XIV reforça evangelização centrada no anúncio de Jesus Cristo

FERNANDO GERONAZZO
ESPECIAL PARA O SÃO PAULO

O Papa Leão XIV recebeu em audiência, na quinta-feira, 28 de maio, os participantes da Assembleia Plenária do Dicastério para a Evangelização – Seção para as Questões Fundamentais da Evangelização no Mundo. Entre os presentes estavam Dom Rino Fisichella, Pró-Prefeito do Dicastério para a Evangelização, e o Cardeal Odilo Pedro Scherer, Arcebispo Metropolitano de São Paulo e membro desse organismo da Santa Sé.

Dirigindo-se aos participantes ao término dos trabalhos da plenária, o Pontífice refletiu sobre os desafios da evangelização no mundo atual e ressaltou a necessidade de manter vivo o anúncio da esperança cristã.

No início de sua fala, Leão XIV agradeceu o trabalho realizado pelo Dicastério durante o Jubileu de 2025, que reuniu mais de 33 milhões de peregrinos em Roma. Segundo ele, o



Ano Santo permitiu que a esperança se tornasse protagonista da vida cristã em muitos locais. “O mundo tem, mais do que nunca, sede de esperança”, afirmou, destacando que a Igreja deve continuar oferecendo um testemunho capaz de sustentar a construção da paz, da fraternidade e da dignidade humana.

ANÚNCIO E TESTEMUNHO

O Papa enfatizou que a evangelização deve permanecer como a motivação fundamental de toda a ação da

Igreja. Para o Pontífice, o anúncio do Evangelho não é uma proposta utópica, mas um testemunho que atrai porque manifesta o chamado ao amor e à verdade.

Ao abordar a crise de fé e a crescente indiferença religiosa presentes em diversas sociedades, especialmente no Ocidente, Leão XIV alertou para o risco de se perder a busca pelo sentido da vida. Nesse contexto, recordou que o encontro com Cristo continua sendo capaz de devolver significado e esperança às pessoas.

O Santo Padre também reafirmou a importância da exortação apostólica *Evangelii gaudium*, do Papa Francisco, como referência para uma missão “cristocêntrica e querigmática”, centrada no anúncio de Jesus Cristo.

JUVENTUDE

Leão XIV observou que cresce entre as novas gerações a busca por espiritualidade e afirmou que muitos redescobrem no Evangelho um caminho para a verdadeira felicidade. Por isso, insistiu na necessidade de respostas credíveis e coerentes aos questionamentos dos jovens.

Ao concluir, Leão XIV ressaltou que a transmissão da fé depende sobretudo do testemunho de vida dos cristãos. Citando Bento XVI, recordou que o mundo necessita de homens e mulheres que tornem Deus credível por meio de uma fé vivida. “A santidade da vida permanece sempre a forma mais convincente da beleza da fé cristã”, afirmou.

Pontífice pede olhar de compaixão para as famílias brasileiras



Em mensagem de vídeo enviada aos cerca de 3 mil participantes do 16º Simpósio Nacional das Famílias, realizado no Santuário Nacional de Aparecida (SP), nos dias 30 e 31 de maio, o Papa Leão XIV destacou a importância da família para a vida da Igreja e da sociedade e exortou os agentes da Pastoral Familiar a acolherem, com misericórdia e discernimento, os desafios enfrentados pelos lares na atualidade.

Falando em português, o Pontífice saudou os bispos, agentes de pastoral, membros de movimentos, serviços, novas comunidades e as famílias reunidas no evento promovido pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB).

Ao recordar o ensinamento da Igreja sobre a família, o Santo Padre

ressaltou que ela é a “primeira e essencial célula da sociedade” e encontra sua plena identidade em Jesus Cristo. Segundo o Papa, é no amor de Cristo pela Igreja que as famílias aprendem a reconhecer a dignidade do próximo e a viver a vocação ao amor.

O Bispo de Roma também chamou a atenção para as dificuldades que afetam muitas famílias. “É preciso olhar para as famílias com realismo e compaixão, sabendo das inúmeras dificuldades que as afligem, isto é, das suas fragilidades, crises, angústias e tantas outras situações de sofrimento”, afirmou. Diante dessa realidade, destacou a necessidade de uma ação pastoral marcada pela misericórdia e por um discernimento prudente e maduro. (FG)

Papa reza o Terço pela paz nos Jardins Vaticanos

No sábado, 30 de maio, na Gruta de Lourdes, nos Jardins Vaticanos, o Papa Leão XIV presidiu a oração dos mistérios gozosos do Santo Terço, pedindo a intercessão de Nossa Senhora pela paz no mundo, especialmente pelos povos que sofrem com guerras e violências. A iniciativa foi acompanhada por diversos santuários ao redor do mundo.

Em sua reflexão, o Pontífice recordou que “a paz é sempre possível, porque é dom de Deus” e exortou os fiéis a serem construtores da paz por meio de gestos concretos. “A verdadeira paz começa em um coração que ama”, afirmou, convidando todos a rejeitar qualquer forma de violência e a promover a reconciliação. (FG)

Nomeada nova prefeita do Dicastério para a Comunicação

REDAÇÃO
osaopaulo@uol.com.br

O Papa Leão XIV nomeou Maria Montserrat Alvarado como prefeita do Dicastério para a Comunicação. Ela assumirá no dia 1º de novembro.

Nascida na Cidade do México, Maria Montserrat obteve seus diplomas acadêmicos na Florida International University e na George Washington University. De 2009 a 2023, ocupou cargos de liderança no Becket Fund for Religious Liberty, dedicando-se a iniciativas voltadas à defesa da liberdade religiosa e à promoção da dignidade humana. Desde 2023, ocupa o cargo de presidente e diretora operacional da *EWTN News*, supervisionando plataformas de mídia internacionais que produzem conteúdos em sete idiomas por meio de televisão, rádio, imprensa, mídia digital e redes sociais. Agora, torna-se a primeira mulher leiga nomeada prefeita de um dicastério da Santa Sé.

Instituído pelo Papa Francisco em 27 de junho de 2015, no âmbito da re-

forma da Cúria Romana, o Dicastério para a Comunicação supervisiona os sistemas de comunicação da Santa Sé, entre os quais *Vatican News*, *Rádio Vaticana*, *L'Osservatore Romano*, *Vatican Media* (serviços fotográficos, de áudio e vídeo), *Sala de Imprensa da Santa Sé*, *Livraria Editora Vaticana*, *Tipografia Vaticana* e *Filmoteca Vaticana*. O Dicastério também aprofunda e desenvolve os aspectos propriamente teológicos e pastorais da atividade da Igreja no campo da comunicação.

Maria Montserrat sucederá a Paolo Ruffini, que o Papa Francisco nomeou em 2018 como o primeiro prefeito leigo de um dicastério da Cúria Romana.

“Sou grata a Paolo Ruffini por sua orientação nos últimos anos e estou ansiosa para continuar, com amizade e esperança, o importante trabalho de fortalecimento do Dicastério, para que possa continuar a servir a Igreja em Roma e em todos os lugares, a fim de comunicar Cristo ao mundo”, disse Maria Montserrat após a nomeação.

(com informações do *Vatican News*)